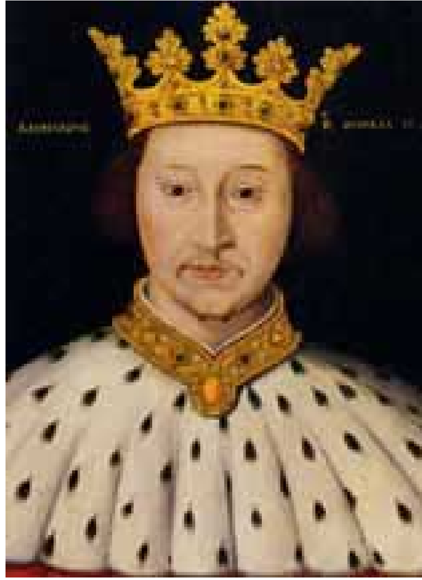
Copyright ©
Autor: William Shakespeare
Tradução: Carlos A. Nunes
Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores (www.jahr.org)

A TRAGÉDIA DO REI RICARDO II

WILLIAM SHAKESPEARE



ÍNDICE

PERSONAGENS

ATO I

Cena I

Cena II

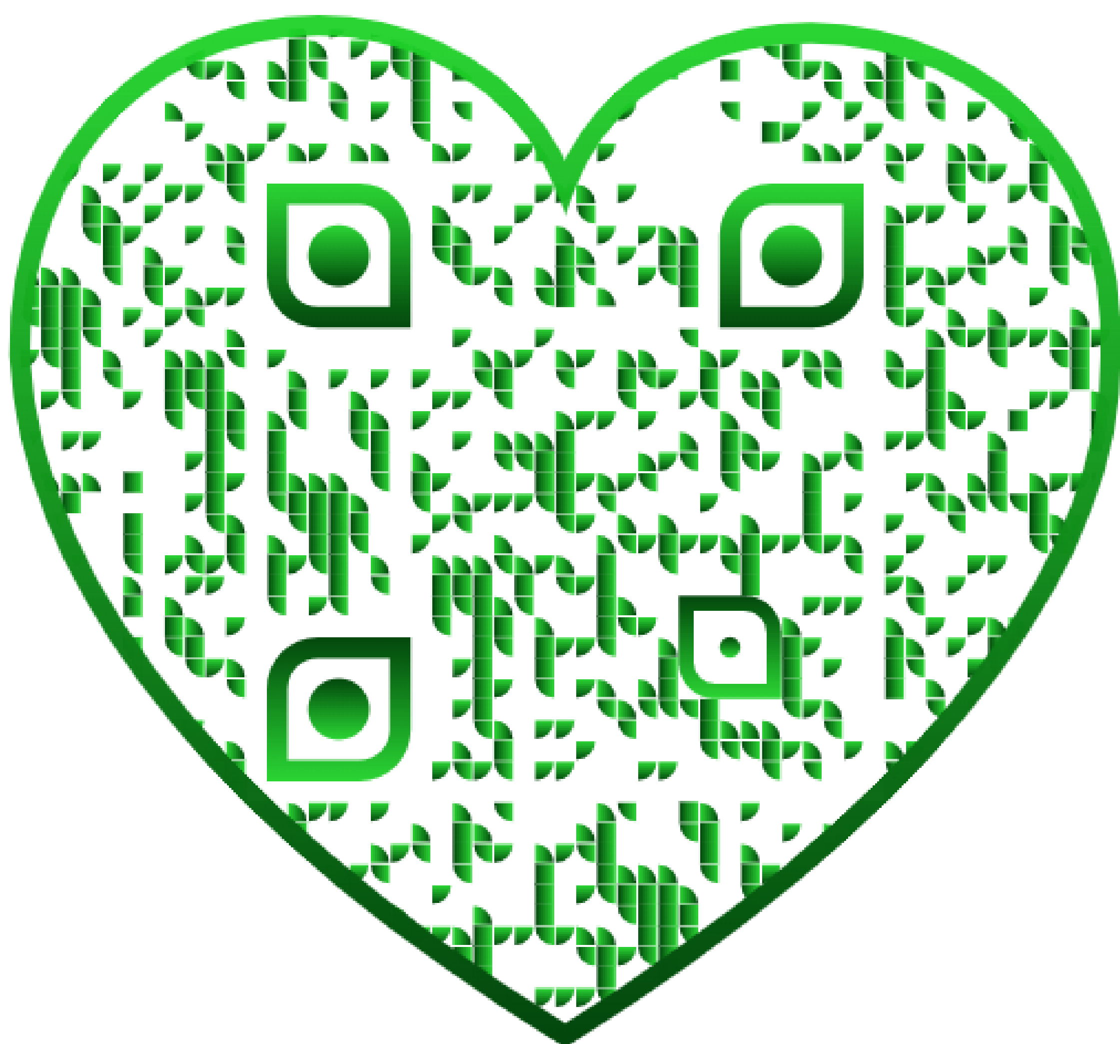
Cena III

Cena IV

ATO II

Cena I

Cena II



Cena III

Cena IV

ATO III

Cena I

Cena II

Cena III

Cena IV

ATO IV

Cena I

ATO V

Cena I

Cena II

Cena III

Cena IV

Cena V

Cena VI

PERSONAGENS

REI RICARDO II.
JOÃO DE GAUNT, duque de Lencastre, tio do Rei
EDMUNDO DE LANGLEY, duque de YORK, tio do rei.
HENRIQUE, cognominado Bolingbroke, duque de Hereford, filho de João de Gaunt, depois Henrique IV.
DUQUE DE AUMERLE, filho do duque de York.
TOMAS MOWBRAY, duque de Norfolk.
DUQUE DE SURREY.
CONDE DE SALISBURY.
LORDE BERKELEY.
BUSHY, do serviço do rei Ricardo.
BAGOT, do serviço do rei Ricardo.
GREEN, do serviço do rei Ricardo.

CONDE DE NORTHUMBERLAND.
HENRIQUE PERCY, cognominado Hotspur, seu filho.
LORDE ROSS.
LORDE WILLOUGHBY.
LORDE FITZWATER.
BISPO DE CARLISLE.
ABADE DE WESTMINSTER.
LORDE MARECHAL.
SIR PIERCE DE EXTON.
SIR STEPHEN SCROOP.
Capitão de um grupo de galenses.
Esposa do rei Ricardo.
DUQUESA DE GLOSTER.
DUQUESA DE YORK.
Damas de companhia da rainha.
Nobres, arautos, oficiais, soldados, jardineiros, carcereiro, mensageiro, palafreneiro e outros criados.

ATO I

CENA I

Londres. Um quarto no palácio. Entram o rei Ricardo, com séquito; João de Gaunt e outros nobres.

REI RICARDO – Lencastre honrado, velho João de Gaunt, conforme teu penhor e juramento trouxeste Henrique de Hereford, teu filho temerário, porque ele ora sustente a grave acusação que não pudemos ainda julgar e que ele fez, há pouco, contra Tomás Mowbray, duque de Norfolk?

GAUNT – Sim, veio ele comigo, Majestade.

REI RICARDO – Dize-me, ainda: acaso já o sondaste? Não se funda em antigas desavenças a acusação lançada contra o duque, ou provém essa queixa, como fora de esperar de um vassalo dedicado, de provas positivas de traição?

GAUNT – Tanto quanto sobre isso foi possível examiná-lo, trata-se, realmente, de perigo que ameaça Vossa Alteza, não de malícia alguma da denúncia.

REI RICARDO – À nossa real presença os trazei logo. Face a face, sobrolho carregado contra sobrolho, agora nos dispomos a ouvir o que disserem livremente.

(Saem alguns homens do séquito.)

São teimosos; da cólera no afogo surdos são como o mar, ardem qual fogo.

(Voltam os homens com Bolingbroke e Mowbray.)

BOLINGBROKE – Muitos anos de dias venturosos desejo ao meu gracioso soberano, meu senhor e meu rei idolatrado.

MOWBRAY – Que ultrapasse em venturas cada dia quantos o precederam, té que a inveja do céu, ante a terrena e feliz sorte, um título imortal vos acrescente.

REI RICARDO – A ambos agradecemos, muito embora seja um dos dois adulador, tal como se depreende da causa que vos trouxe, a alta traição de que vos acusais. Primo Hereford, que assacas contra Norfolk, Tomás Mowbray?

BOLINGBROKE – Primeiro o céu me sirva de testemunha! – é como devotado súdito, sempre cioso

da saúde preciosa de seu príncipe, liberto de qualquer ódio baixo ou mal nascido, que no papel de acusador eu me acho na vossa real presença. Ora, Tomás Mowbray, é a ti que eu digo o que se segue; observa minha saudação, pois tudo quanto eu disser, na terra este meu corpo vai confirmar, ou responder minha alma divina no alto céu. És miserável e traidor; de origem boa para seres isso, e ruim demais para viveres. Quanto mais belo o céu, mais ele esplende, mais feia é a nuvem que lhe o brilho ofende. E a fim de arrematar o caso, digo que és traidor e que para teu castigo, se meu rei consentir, a minha espada vai logo te privar da alma danada.

MOWBRAY – Que minhas expressões pouco violentas o zelo não me acusem. Nossa causa não será decidida pela prova de guerra entre mulheres, por grosseiros palavrões de duas línguas irritadas: quente está o sangue para que se esfrie por esse meio. Mas também não posso de paciência orgulhar-me assaz submissa para nada falar e ficar calmo. Em primeiro lugar, o alto respeito diante de Vossa Alteza não me deixa soltar as rédeas e calcar esporas em meu discurso livre, que teria disparado até haver lançado ao rosto deste homem, duplicada, a felonia de que ele ora me acusa. Se de parte pusermos a realeza de seu sangue, sem que do parentesco nos lembremos que o liga ao meu senhor, eu o desafio, cuspindo-lhe no rosto: dou-lhe os nomes de covarde, de vil e maldizente. Sustento quanto disse, concedendo-lhe vantagens, ainda mesmo que eu tivesse de ir a pé até aos picos congelados dos Alpes, ou a qualquer lugar inóspito em que jamais inglês haja pisado, isto defenderá minha lealdade contra sua perfídia e falsidade.

BOLINGBROKE – Eis, trêmulo covarde, que te atiro, também, o meu penhor, pondo de lado meu parentesco real e renunciando à nobreza do sangue, que teu medo, não o respeito, agora fez lembrada. Se o medo criminoso ainda te deixa força bastante para levantares o penhor de minha honra: então te abaixa para apanhá-lo, que, por ele e todo rito cavaleiresco, braço a braço, sustento agora quanto aqui te disse ou o que de pior tua malícia invente.

MOWBRAY – Levanto-o, e juro pela minha espada que a honra de cavaleiro gentilmente nos ombros me depôs, que hei de encontrar-te em qualquer condição lícita e justa, segundo as nobres regras dos costumes cavaleirescos. E, uma vez montado, não quero descer vivo se, em verdade, traidor eu for ou falto de lealdade.

REI RICARDO – Que acusação levanta o nosso primo contra Mowbray? Grande é, decerto, para nos fazer despertar o pensamento de algo ruim por ele praticado.

BOLINGBROKE – Vede: o que eu vou dizer, provo-o com a vida. Digo, pois, que Mowbray recebeu oito mil nobres como empréstimo do soldo do exército de Vossa Majestade, que ele desviou para uso inconfessável, como biltre injurioso e vil traidor. Afirmo, ainda, e o provarei na liça, aqui ou alhures, ou nas mais distantes paragens que olho inglês possa ter visto, que todas as traições imaginadas durante estes dezoito últimos anos têm no falso Mowbray a fonte e a origem. Digo mais, e pretendo sustentá-lo, tirando-lhe a existência miserável, porque surja a verdade, que ele a morte deu ao duque de Gloster, por ter feito sugestões aos seus crédulos inimigos, e assim, como traidor e pusilânime, em sangue lhe afogou a alma inocente, sangue esse que me grita, como o sangue de Abel sacrificado, das cavernas mudas de toda a terra, reclamando justiça pronta e justa punição. Por meus avós, eu perderei a vida ou lhe darei a pena merecida.

REI RICARDO – Como alto as suas decisões se elevam! Tomás de Norfolk, que respondes a isso?

MOWBRAY – Oh! que meu soberano vire o rosto e deixe surdo o ouvido alguns instantes, até que eu mostre à mancha do seu sangue como Deus e as pessoas de respeito dedicam ódio a tais caluniadores.

REI RICARDO – Ouvidos e olhos imparciais eu tenho, Tomás Mowbray. Se irmão ele me fosse, digo mais: fosse o herdeiro da coroa – com ser apenas filho do meu tio – juro pelo respeito do meu cetro que a vizinhança ao nosso sacro sangue privilégio nenhum lhe ensejaria, nem deixara parcial a inabalável firmeza de minha alma íntegra e justa. És meu vassalo, como ele o é também; fala, pois, sem receio de ninguém.

MOWBRAY – Então te digo, Bolingbroke, ao baixo coração, pela porta estreita e falsa dessa garganta: mentes! Pois três partes do pagamento de Calais em tempo foram devidamente distribuídas entre os homens de Sua Majestade. A outra parte eu guardei, depois de obtido consentimento do meu rei. É que ele me devia ainda o resto de uma conta, do tempo em que eu à França fora enviado, para trazer-lhe a esposa. Agora engole toda a tua calúnia. Quanto à morte de Gloster, não fui eu seu assassino, mas por minha desgraça, neste caso me acusa a consciência de um descaso do dever. Quanto a vós, meu nobre lorde de Lencastre, muito alto e venerando pai do meu inimigo, uma cilada, de fato, eu preparei para matar-vos, pecado que me punge a alma angustiada. Mas antes de tomar o sacramento, não faz muito, eu contei todo o ocorrido, já tendo suplicado a Vossa Graça que me perdoasse a falta, o que, suponho, não me foi denegado. Eis o meu erro. Tudo o mais da denúncia nasce apenas do rancor de um vilão, de um miserável, da inveja de um traidor degenerado, contra o que eu próprio ainda hei de defender-me, motivo por que jogo a minha luva, também, aos pés desse traidor ousado para, no sangue que seu peito albergue, provar que sou um fido gentil-homem. Marque, pois, Vossa Alteza, sem demora, para o nosso recontro o dia e a hora.

REI RICARDO – Guiai-vos por mim, fidalgos enraivados, deixando-vos placar sem perder sangue. Sem ser médico, digo que não há de cortar fundo demais vossa maldade. Sede cordatos, esquecei; que o dia, diz o doutor, não é para sangria. Vamos, bondoso tio, achar um meio que ponha logo um fim a este torneio. Vós vos incumbireis de vosso filho; eu, de Mowbray: sairão ambos com brilho.

GAUNT – Esse ofício diz bem com a minha idade. Vamos, filho, revela urbanidade: solta o penhor do duque.

REI RICARDO – Faze o mesmo, Mowbray, com o dele.

GAUNT – Como! Acaso, a esmo falamos, Harry? A obediência manda que ordens eu dê usando de voz branda.

REI RICARDO – Norfolk, a luva joga; qual o dano que disso te advirá?

MOWBRAY – Meu soberano, atiro-me a teus pés. De minha vida podes dispor, porém não te é devida minha vergonha. Devo-te a primeira; mas meu nome, que a Morte, embora o queira, jamais me apagará da sepultura, só poderá viver com a fé mais pura. Acusado me vejo, escarnecido, tratado com desprezo imerecido, transpassado até na alma pela espada venenosa da infâmia, de que nada me poderá curar, senão somente todo o sangue do biltre cujo dente me fez esta ferida.

REI RICARDO – Não devemos soltar rédeas à cólera; os extremos se destroem: leões domam leopardos.

MOWBRAY – Mas perduram as manchas, pelos dardos provindos da calúnia. Se a vergonha me tirares, prometo que a peçonha não mais me há de lembrar. Meu soberano, o mais puro tesouro, o mais que humano benefício que o tempo nos concede é um nome imaculado, sem que adrede lhe manchemos o brilho. Não passamos. sem isso, de uma argila com recamos, simples poeira pintada. A mais preciosa jóia em cofre inviolável é danosa reputação num peito leal e puro. Minha honra é minha vida; meu futuro de ambas depende. Serei homem morto, se me privarem da honra, do conforto de um nome imaculado. Por tudo isso, meu caro rei, far-me-ás alto serviço, se me deixares defender com a vida minha reputação tão bem nascida.

REI RICARDO – Vamos, primo, começa.

BOLINGBROKE – Deus não queira que minha alma se manche por maneira tão vergonhosa. E crível que eu, à vista de meu pai, me rebaixe e que ele assista à minha humilhação, sem que eu me guarde de mostrar-me inferior a este covarde? Antes que a língua possa a honra ferir-me por maneira tão baixa, ou que confirme minha queda, chamando a parlamento vergonhoso, servindo-me do alento que me resta, com os dentes eu cortara o órgão servil da humilhação amara e ao rosto de Mowbray o jogaria, sangrento, onde se acoita a vilania.

(Sai Gaunt.)

REI RICARDO – Não temos por costume pedir nada, senão dar ordens. Já que não podemos vos deixar como amigos, aprestai-vos, respondendo com a vida nesse ponto, que em Coventry vos batereis no dia de São Lambert. As lanças e as espadas patentearão as intenções malvadas. Já que o não pude, incumba-se a justiça de fazer ressaltar a fé castiça. Marechal, aos arautos manda aviso para que vejam tudo o que é preciso.

(Saem.)

CENA II

O mesmo. Um quarto no palácio do duque de Lencastre. Entram Gaunt e a duquesa de Gloster.

GAUNT – Ai, a porção que me tocou do sangue de Gloster, muito mais do que essas queixas, me concita a ir de encontro aos carniceiros de sua vida. Mas, como o castigo se acha nas mãos que a falta cometeram, que punir não podemos, à vontade do céu entregue fica nossa causa. Quando vir que é chegada a hora oportuna sobre a terra, vinganças esbraseantes ele fará chover nos criminosos.

DUQUESA – Os laços fraternais não te esporeiam com mais vigor? O amor não tira chispas desse teu sangue velho? Os sete filhos de Eduardo, e tu és um deles, eram como sete vasos de seu sagrado sangue, ou sete ramos que de um tronco viessem. Destes, alguns secaram pelo próprio curso da natureza; outros cortados foram pelo destino antes do tempo. Mas Tomás, minha vida, meu querido senhor, meu Gloster, vaso do sagrado sangue de Eduardo, ramo florescente de seu real tronco, foi despedaçado, tendo-se derramado toda a seiva preciosa, foi cortado, emurchecendo-se as folhas estivais, pela mão dura da Inveja e a foice rubra do assassino. Ah, Gaunt, era o teu sangue! O leito, o seio, o coração, o molde de onde a forma recebeste, fez dele uma criatura, e, embora estejas vivo e ainda respires, nele a vida perdeste. De algum modo, concordas em que fosse o teu pai morto, vendo teu pobre irmão perder a vida, ele que de teu pai era o retrato. Não dês, Gaunt, a isso o nome de paciência; chama-lhe desespero. Consentindo que seja teu irmão assassinado, pões a nu o caminho de tua vida, mostrando ao duro criminoso o modo de te matar. O que nos homens baixos tem nome de paciência, é covardia pálida nas pessoas de alto sangue. Como direi? O meio mais seguro para salvaguardares a tua vida é vingar o assassínio do meu Gloster.

GAUNT – É de Deus a questão, porque essa morte foi causada por seu representante, o mensageiro ungido em seu conspecto. Se um crime cometeu, que Deus o puna, porque eu jamais levantarei o braço vingador para ir contra o seu ministro.

DUQUESA – A quem dirijo, pois, as minhas queixas?

GAUNT – A Deus, amparo e defensor das viúvas.

DUQUESA – Então, que seja. Velho Gaunt, adeus. Vais a Coventry para ver a luta que entre Mowbray, o sanguinário, e o nosso caro primo Hereford vai ser travada. Oh, se o dano causado ao meu esposo na espada de Hereford fizesse peso porque ela o peito atravessasse ao duro carniceiro Mowbray! Ou se a desgraça não o alcançar desde a primeira volta, que a culpa de Mowbray de tal maneira lhe oprima o peito, que o árdego cavalo tenha o dorso quebrado e o cavaleiro ao comprido da liça atirar possa, pálido e trêmulo o entregando à fúria de Hereford. Velho Gaunt, adeus. A esposa de teu defunto irmão vai ter na vida por companheira a sua dor comprida.

GAUNT – Adeus, irmã; para Coventry eu sigo; consolo tenhas quanto vai comigo.

DUQUESA – Uma palavra, ainda. As grandes dores ressaltam de onde caem, não por serem vazias: pela ação do próprio peso. Despeço-me sem ter falado nada, que o luto torna a dor mais abafada. Dá

recomendações a Edmundo York, meu caro irmão. E tudo. Agora podes partir. Não, não te vás! Conquanto seja tudo, um consolo à minha dor enseja. Ocorre-me dizer-lhe... Em que pensava? Que em Plashy me visite a toda pressa. Mas que pode o bom velho encontrar nessa morada, senão muros desornados, salões vazios, quartos sem pessoas, caminhos não pisados? Que ouvir pode, senão a dor que o peito me sacode? Que não pense em ir lá buscar tristeza, pois dela em toda parte será presa. Chorando aceito a minha triste sorte; desesperada parto para a morte.

(Saem.)

CENA III

Área perto de Coventry. Liça demarcada. Um trono. Arautos, etc. Entram o lorde Marechal e Aumerle.

MARECHAL – Milorde Aumerle, Henrique de Hereford se acha pronto?

AUMERLE – De todo, só deseja poder entrar.

MARECHAL – Cheio de audácia e afogo, Tomás Mowbray aguarda tão-somente o sinal da trombeta do apelante.

AUMERLE – Sendo assim, preparados estão ambos os combatentes, dependendo o encontro da chegada de Sua Majestade.

(Fanfarras. Entram o rei Ricardo, que se assenta no trono, Gaunt, Bushy, Bagot, Green e outros; que se colocam em seus lugares. A um toque de trombeta na cena, responde outro dentro. A seguir, entra Mowbray, completamente armado, precedido de um arauto.)

REI RICARDO – Pergunta, marechal, ao cavaleiro que ali se encontra a causa de estar ele neste lugar, armado. Qual o nome, pergunta-lhe, também, e o juramento lhe toma de que vem por causa justa.

MARECHAL – Dize, em nome de Deus e do monarca, como te chamas, porque estás armado qual cavaleiro, contra quem vieste, e o motivo nos conta da pendença. Pela cavalaria que professas e por teu juramento, sê verídico. E assim te ampare o céu e o brio próprio.

MOWBRAY – Tomás Mowbray eu sou, duque de Norfolk; aqui me encontro por haver jurado – Deus não permita que perjuro eu fique! – lutar por minha lealdade e pela fé que me liga a Deus, ao rei e a sua linhagem, contra o duque de Hereford, que me acusa, e, desta arte, com o auxílio de Deus e deste braço, demonstrar-lhe, ao tempo em que a mim próprio me defendo, que ele traiu a Deus, ao rei e a mim. Como estou com a verdade, o céu me ampare.

(Senta-se no seu lugar.)

(Soam trombetas. Entra Bolingbroke, apelante, com armadura e precedido de um arauto.)

REI RICARDO – Pergunta, marechal, ao cavaleiro que armado ali se encontra, qual seu nome, por que razão aqui se acha vestido de couraça de guerra e, sempre às luzes de nossas leis, lhe obtém o depoimento da justiça da causa que defende.

MARECHAL – Como te chamas? Por que causa te achas diante do rei Ricardo e em sua liça? Contra quem te apresentas? Qual a queixa que aqui te trouxe? Como cavaleiro, dize a verdade e o céu que te defenda.

BOLINGBROKE – Sou Harry de Hereford, Lencastre e Derby. Armado me apresento nesta liça para, com a ajuda do Senhor e minha própria força, provar que Mowbray, duque de Norfolk, execrando e perigoso, traiu a Deus, ao rei Ricardo e a mim. Como estou com a verdade, o céu me ampare.

MARECHAL – Pois, sob pena de morte, ninguém seja tão atrevido que ouse entrar na liça, senão somente o marechal e quantos oficiais ele tenha designado para a alta direção deste torneio.

BOLINGBROKE – Permiti, marechal, que a mão eu beije de Sua Graça e que os joelhos dobre ante o meu rei, porque Mowbray e eu próprio somos como pessoas que se aprestam para uma viagem longa e cansativa. Permiti, pois, façamos despedida cerimoniosa e adeus muito saudoso aos amigos que ficam presentemos.

MARECHAL – O apelante saúda com respeito Vossa Grandeza e solicita a graça de vos beijar a mão e despedir-se.

REI RICARDO (descendo do trono) – Para abraçá-lo, o trono nós deixamos. Primo Hereford, em sendo a causa justa, ampare-te a Fortuna nesta justa. Se meu sangue perderes, a departe te poderei chorar, mas sem vingar-te.

BOLINGBROKE – Olho nobre nenhum de mim se importe, se a espada de Mowbray me der a morte. Como o falcão no vôo, assim, confiante, contra Mowbray me atiro, a meu talante. Meu amado senhor, eu me despeço de vós e de meu primo, lorde Aumerle, não abatido, ainda que a morte eu vejo, mas moço e alegre e com vigor sobejo. Como nas festas pátrias, eu saúdo o mais doce manjar no fim de tudo: Ó tu, autor terreno do meu sangue, cujo espírito moço, renovado dentro de mim, me empresta vigor duplo para que eu me alce à. altura da vitória que, airosa, plana sobre a minha fronte, com tuas orações invulnerável a armadura me deixa, e, com tuas bênçãos, torna mais fina a ponta desta lança porque ela possa penetrar na cota de cera de Mowbray e brilho ao nome de João de Gaunt ainda aumentar consiga na atitude altanada de seu filho.

GAUNT – Deus te auxilie em tua causa justa. Como o raio, sê rápido na luta; que teus golpes, dobrados, redobrados, qual o trovão atroador, no casco de teu inimigo pernicioso caiam. Reanima o sangue jovem desse peito.

BOLINGBROKE – Com a ajuda de São Jorge e do Direito.

(Senta-se em seu lugar.)

MOWBRAY (levantando-se) – Como a Fortuna e o céu determinarem, vai morrer ou viver aqui um súdito fiel ao rei Ricardo, um gentil-homem honrado, leal e justo. Nenhum preso jamais com o coração tão levantado longe os ferros jogou do cativeiro, para abraçar com mostras delirantes a liberdade de ouro, como agora minha alma dança ao celebrar, alegre, esta festa de sangue. Poderoso monarca, companheiros de nobreza, meus votos vos dirijo com lhaneza. Como para um passeio eu me despeço, confiante em vir a obter alto sucesso.

REI RICARDO – Adeus, milorde; nesses olhos vejo da virtude e valor forte lampejo. Dai logo início, marechal, à pugna.

(O rei e os nobres voltam para seus lugares.)

MARECHAL – Henrique de Hereford, Lencastre e Derby, recebe a lança e que o Direito vença.

BOLINGBROKE (levantando-se) – Qual torre de esperança, “Amém” eu digo.

MARECHAL (a um oficial) – Leva ao duque de Norfolk esta lança.

PRIMEIRO ARAUTO – Henrique de Hereford, Lencastre e Derby, diante de Deus, do rei e de si próprio aqui se acha, sob pena de ser tido como impostor sem fé e sem coragem, para trazer a prova de que o duque Tomás Mowbray faltou com a lealdade ante Deus, ante o rei e ante ele mesmo, desafiando-o, por isso, para duelo.

SEGUNDO ARAUTO – Aqui também está o duque de Norfolk, Tomás Mowbray, sob pena de ser tido como desleal e falto de coragem, não somente em defesa de si próprio, como também para trazer a prova de que Harry de Hereford, Lencastre e Derby foi desonesto a Deus, ao rei e a ele, o que faz com vontade livre e altiva, só aguardando o sinal para o combate.

MARECHAL – Trombetas soai! À frente, combatentes!

(Toque de ataque.)

Parai! Parai! O rei soltou o bastão!

REI RICARDO – Pondo de lado o capacete e a lança, voltem a ocupar ambos seus lugares. Vinde conosco, e que as trombetas soem até voltarmos e trazermos nossa resolução que será dita aos duques.

(Toque demorado de fanfarra)

(Aos combatentes) – Aproximai-vos e ouvi o que decidimos no conselho. Porque o solo do reino não se manche com o caro sangue a que ele dera vida; por nos ser repugnante à vista o aspecto cruel das civis chagas, produzidas por espadas afins; e por pensarmos que o orgulho de asas de águia e os pensamentos cuja ambição ao céu remontam sempre, de par com a inveja que os rivais odeia foram causa de terdes despertado nossa paz que dormia infantil sono no berço calmo desta nossa terra, e que assim despertada pelo ruído dos tambores discordes, pelos gritos selvagens e estridentes das trombetas e o áspero choque das irosas armas, expulsará, talvez, a paz formosa dos nossos quietos lindes, resultando o mal de em sangue amigo mergulharmos: vos banimos de nossos territórios. Primo Hereford, sob pena de perderdes a vida, enquanto duas vezes cinco verões nossas campinas não dourarem, não saudareis nossos domínios belos mas os caminhos pisareis do exílio.

BOLINGBROKE – Seja como o dizeis. Minha alegria será, tão-só, no exílio, todo dia saber que o sol que aqui vos ilumina me dará, também, luz, e que a ruína de minha vida triste e malfadada dourará, como em fúlgida alvorada.

REI RICARDO – Norfolk, é mais pesada a tua pena, digo-te a contragosto: as sorrateiras horas não marcarão jamais o termo do teu exílio caro e sem limite. Contra ti pronunciamos a implacável palavra “Nunca mais!” Ou isto ou a morte.

MOWBRAY – A sentença é terrível, soberano senhor. Eu não contava que da boca de Vossa Majestade ela me viesse. Dádiva mais valiosa, não tão grave mutilação como me ver lançado na infinda vastidão que a todos cabe, das mãos de Vossa Alteza eu merecera. A língua que durante quarenta anos eu aprendi, o inglês nativo, devo-a doravante esquecer. Vai ela, agora, ser para mim como viola ou harpa sem cordas, ou qualquer fino instrumento sempre no estojo, ou, quando fora dele, posto em mãos que de todo o jeito ignoram de tirar dele acordes harmoniosos. Em minha boca a língua me prendestes, trancando-a duplamente com a barreira dos dentes e dos lábios e deixando que a estúpida Ignorância, bronca e estéril, como meu carcereiro, de mim cuide. Sou muito velho para adular ama, muito avançado em anos para aluno voltar a ser. O que é, pois, a sentença cominada, senão a morte muda, que me tira da língua toda a ajuda?

REI RICARDO – Por que do teu sofrer fazer alarde? Para lamentações é muito tarde.

MOWBRAY – Então vou procurar onde me acoite: na treva espessa da infinita noite.

(Faz menção de retirar-se.)

REI RICARDO – Espera mais um pouco e faze um voto: ponde as banidas mãos na real espada que aqui tendes, e pela obediência que ao céu deveis – convosco nós banimos a porção que era nossa – prometei-nos cumprir a jura que ora formulamos: Que jamais – a verdade e Deus vos guiem! – vos ligareis no exílio pelos laços da amizade, nem nunca face a face vos vereis; que não há de haver entre ambos troca de cumprimentos ou de cartas, que não atenuareis a tempestade desses ódios domésticos e nunca vos vereis de pensado, ou seja para tramar, ou para maquinar alguma coisa contra nós próprios, nosso Estado, qualquer vassalo nosso ou nossa terra.

BOLINGBROKE – Juro.

MOWBRAY – Eu, também, juro cumprir tudo isto.

BOLINGBROKE – Norfolk, como entre inimigos se permite: a esta hora, se tivesse o rei querido, uma de nossas almas vaguearia pelo ar, banida do sepulcro frágil da nossa carne, como nossa carne banida agora se acha da Inglaterra. Confessa-te traidor, pois, antes de ires do reino. Já que partes para longe, não carregues por todo o mundo o fardo, tão pesado, de uma alma criminosa.

MOWBRAY – Não, Bolingbroke; se traidor eu fosse, quisera ver meu nome derriscado do livro da

existência, e ser banido do céu, como da pátria. Mas o que és, só Deus, tu e eu sabemos. Mas suspeito de que cedo o rei venha a arrepender-se. Adeus, meu rei; é minha toda a terra, salva a estrada que vier ter à Inglaterra.

(Sai.)

REI RICARDO – Tio, no espelho desses olhos vejo que o coração te sangra. O triste aspecto conseguiu apagar quatro dos anos do exílio.

(A Bolingbroke) – Decorridos seis invernos, tragam-te a este país ventos galernos.

BOLINGBROKE – Que tempo enorme uma palavra encerra! Fala um monarca: quatro invernos frios ele respira e alegres quatro estios!

GAUNT – Agradeço ao meu rei ter encurtado, por consideração a mim, quatro anos do exílio de meu filho. Mas é mínima a vantagem que eu possa auferir disso. Porque antes de mudarem os seis anos do exílio de meu filho as suas luas e o curso completarem, minha lâmpada sem óleo, minha luz quase apagada, os anos as farão mergulhar cedo numa noite infinita. O meu pequeno pavio vai perder, em pouco, o brilho, sem que eu possa rever meu caro filho.

REI RICARDO – Tio, ainda contas com uma longa vida.

GAUNT – Não, porém, com uma hora mal sofrida que um rei me possa dar. Sim, poderias deixar mais curtos meus tristonhos dias, roubar-me longas noites de veladas, mas dar não podes róseas alvoradas. Ajudarás o tempo em seu trabalho de abrir sulcos em mim; mas será falho qualquer intento de deter o passo das lentas rugas em tão pouco espaço. Podes matar-me, sim, ninguém duvida; mas, morto eu, nem teu reino me dá vida.

REI RICARDO – Teu filho foi banido após conselho demorado, em que tua língua teve parte no veredicto. Por que causa procurar rebaixar nossa justiça?

GAUNT – Quanto a gula insaciável mais cobiça, mais nos pesa no estômago. Mandaste que eu fosse juiz direito num contraste com minhas emoções; eu preferira que falar me deixasses sem mentira, na posição de pai. Mais indulgente me teria mostrado, se na frente um estranho tivesse, não meu filho. Porque a suspeita não manchasse o brilho do meu nome, com a pecha de parcial, fui parte em minha pena capital. Esperei que um de vós me reprochasse tanto rigor e me dissesse em face que eu muito exagerava por ter sido fautor de meu destino dolorido. Consentistes, assim, que minha língua venha a ser causa de eu morrer à míngua.

REI RICARDO – Adeus, primo; repete-lhe, bom tio, que o exílio é de seis anos; seis, a fio.

(Toque de clarins; saí o rei Ricardo com seu séquito.)

AUMERLE – Adeus, primo; do exílio, por escrito, direis o mais que houver para ser dito.

MARECHAL – Não me despedirei, é só o que eu falo; até à fronteira iremos a cavalo.

GAUNT – Por que amealhas, assim, tuas palavras, não dando uma resposta aos teus amigos?

BOLINGBROKE -- De muito poucas eu disponho agora para me despedir, quando devera pródiga ser a língua em seu ofício, para exprimir a dor que me angustia.

GAUNT – Tua dor é só ausência de algum tempo.

BOLINGBROKE – Sem alegria, é dor todo esse tempo.

GAUNT – Seis invernos que são? Passam depressa.

BOLINGBROKE – Para quem é feliz; mas a tristeza transforma uma hora em dez.

GAUNT – Pensa que te achas viajando por vontade e com proveito.

BOLINGBROKE – A esse nome de viagem suspirara-me o coração, por oprimi-lo a angústia da peregrinação forçada e longa.

GAUNT – Imagina que o círculo sombrio de teus cansados passos seja apenas o caixilho em que tens de pôr a jóia preciosa de tua volta para a pátria.

BOLINGBROKE – Não; cada trecho que eu andar, tedioso, lembrado me fará da porção grande do

mundo que me afasta dessa jóia. Terei de entrar em longo aprendizado no estrangeiro, somente para, ao cabo do meu exílio, vir a vangloriar-me de que fui operário do infortúnio?

GAUNT – Qualquer lugar que o olho do céu visita, para o sábio é feliz enseada e porto de salvamento. Ensinar deves tua necessidade a assim julgar as coisas. Não há melhor virtude do que a própria necessidade. Pensa que não foste banido pelo rei, mas que, ao contrário, tu és o que o baniste. O sofrimento pesa mais onde observa que é levado com mais dificuldade. Ora imagina que eu te enviei para buscares honras, não que o rei te exilou. Supõe, ainda, que em nosso ar voraz peste ora se encontra, razão de procurares outros climas. Deves pensar que o que à alma te for caro se acha no ponto de chegada, nunca no lugar de onde vieste; considera músicos os canoros passarinhos, a grama em que pisares, lindo junco, belas mulheres quantas flores vires e teus passos não mais do que a cadência deliciosa da dança. Que a tristeza rosnadora com menos força morde quem com ela se põe menos acorde.

BOLINGBROKE – Oh! Quem nas mãos sustentaria fogo, imaginando ser o frio Cáucaso? Ou embotara a ponta do apetite, pensando apenas em manjares finos? Ou, nu, passeara as neves de dezembro, evocando fantásticos calores? Não! A imaginação do que é agradável torna mais doloroso o sentimento do que nos causa dor. Nunca destila tanto veneno o dente da tristeza como quando não mata logo a presa.

GAUNT – Quero mostrar-te, filho, o teu caminho: se eu fosse a ti, deixara o pátrio ninho.

BOLINGBROKE – Seja assim; adeus, solo da Inglaterra; querida terra, minha mãe, minha ama que me nutres ainda, adeus! Eu parto e, ufano, mostrar-me-ei ao mundo inteiro, sempre inglês, muito embora no estrangeiro.

(Saem.)

CENA IV

Londres. Um quarto no castelo real. Entram o rei Ricardo, Bagot e Green, por uma porta; Aumerle por outra.

REI RICARDO – Notamos, sim... Aumerle, até que ponto do caminho levaste o alto Hereford?

AUMERLE – Levei o alto Hereford, se vos agrada dar-lhe esse nome, até à estrada próxima, onde o deixei.

REI RICARDO – E à despedida. quantas lágrimas derramaste?

AUMERLE – Ora, nenhuma, ou, antes, o noroeste que soprava contra nós com violência e, desse modo, me endefluxou, fez que, por mero acaso, caísse em nossa fria despedida a graça de uma lágrima.

REI RICARDO – E que disse nosso primo no instante em que o deixaste?

AUMERLE – “Adeus.” E como o coração não me deixasse profanar esse termo, arranjei forças para que o abatimento simulasse tanta dor, que as palavras pareciam sepultadas na tumba da tristeza. Com a breca! Se a palavra “Adeus” as horas alongasse e bastantes anos desse a esse pequeno exílio, ele teria recebido de mim muitos volumes de adeuses. Mas não tendo a faculdade de assim fazer, não recebeu nenhum.

REI RICARDO – E nosso primo, primo; mas chegado que seja o fim do exílio, é duvidoso que o parente a rever volte os amigos. Nós próprio, Green aqui, Bagot e Bushy observamos como ele costumava bajular o povinho, parecendo mergulhar-lhe no peito com saudares de cortesia familiar e humilde; como ele prostituía reverências com escravos, ganhando os operários a poder de sorrisos e fingindo paciente suportar o triste fado, como se para o exílio carregasse a afeição deles todos. Pois se o gorro tirou para uma vendedora de ostras! Dois carroceiros lhe gritaram: “Possa Deus vos servir de

guia!” Ao que o tributo receberam de seus maleáveis joelhos com “Meus compatriotas! Agradeço-vos de todo o coração, caros amigos!” como se por herança ele tivesse recebido a Inglaterra e da esperança dos meus súditos fosse o degrau próximo.

GREEN – Bem, mas já foi e com ele, esses cuidados. Urge pensar na rebelião da Irlanda. Medidas prontas devem ser tomadas, meu soberano, antes que mais descanso lhe propicie recursos que redundem em prejuízo de Vossa Majestade.

REI RICARDO – Iremos em pessoa a essa campanha. E já que nossos cofres, com tão grande corte e tantas larguezas, se tornaram leves demais, seremos obrigados a penhorar nosso real domínio. Servirá essa renda para os gastos do negócio imediato. Se for pouco, nossos representantes aqui dentro receberão letras em branco para fazer que grandes somas de ouro assinem as pessoas de haveres, o que logo nos enviarão para suprirmos nossas necessidades. Sim, que sem delongas embarcar pretendemos para a Irlanda.

(Entra Bushy.)

Bushy, que novidade?

BUSHY – O velho João de Gaunt está de cama, milorde, muito mal. Foi repentino. Mandou recado urgente porque Vossa Majestade lhe faça uma visita.

REI RICARDO – Onde se acha?

BUSHY – Em Ely House.

REI RICARDO – Deus, sugere a seu médico que o ajude a baixar, sem demora, para o túmulo! O forro de suas arcas vai servir-nos para enroupar os homens que levarmos para as guerras da Irlanda. Gentis-homens, vinde comigo! Vamos visitá-lo. Ainda que no caminho não paremos, Deus queira que cheguemos muito tarde.

TODOS – Amém.

(Saem.)

ATO II

CENA I

Londres. Um quarto em Ely House. Gaunt, no leito; junto dele, o duque de York e outros.

GAUNT – Dizei-me: o rei não vem? No último alento quero conselhos ministrar à sua mocidade inconstante.

YORK – Não seja isso causa de vos ralar, porque os conselhos nem de leve lhe tocam os ouvidos.

GAUNT – Sim, mas dizem que a fala dos que se acham no transe de morrer a atenção força qual profunda harmonia. Quando poucas são as palavras, raramente ficam desperdiçadas. Quem respira a custo, só respira a verdade, é sempre justo. Mais a atenção nos prende o moribundo do que o jovem estúrdio e tresloucado; o fim nos fere mais do que o jucundo passatempo da vida. O fatigado pôr do sol, como o fim das harmonias e as últimas porções das iguarias com mais força nos ficam na memória do que as coisas de fama transitória. Espero que Ricardo ora me atenda, que a voz da morte é sempre reverenda.

YORK – Não, que tem os ouvidos entupidos por sons aduladores: elogios ao seu governo, esses lascivos versos de ritmo venenoso, que não deixa de nas ouças calar da mocidade; as modas da vaidosa e altiva Itália, cujos costumes nosso povo tardo macaqueia, coxeando-lhe no encalço com vil imitação. Quando no mundo surgiu qualquer frivolidade – mesmo que seja desprezível, pouco importa – que

depressa aos ouvidos não lhe viessem sussurrar? Os conselhos sempre chegam retardados, se se acham desacordes a vontade e a razão. Servir não queiras de guia a quem despreza o auxílio alheio; vais esgotar o alento em vão torneio.

GAUNT – Qual profeta inspirado ora eu me sinto. Eis o que, na hora extrema, a seu respeito vou predizer: durar não pode a sua chama impetuosa de dissipação, porque o fogo violento se consome depressa. As chuvas finas duram muito, mas são curtas as grandes tempestades. Quem faz imoderado uso da espora, termina por matar a montaria; quem come com sofreguidão, acaba por se asfixiar com os próprios alimentos. A vaidade falaz, corvo insaciável, após consumir tudo, se devora. Este real trono, esta ilha coroada, este solo de altiva majestade, esta sede de Marte, este novo Éden, este meio paraíso, fortaleza que a Natureza para si construiu contra as doenças e os braços invasores; esta raça feliz, mundo pequeno, esta pedra preciosa, colocada num mar de prata que lhe faz as vezes de muro intransponível ou de fosso que lhe defende a casa contra a inveja das terras menos fartas; este solo bendito, este torrão, esta Inglaterra, esta ama, esta matriz, sempre fecunda, de grandes reis, famosos pela origem, temidos pelo braço, celebrados por seus feitos em prol da cristandade e da cavalaria – tão distante desta pátria, quão longe, entre os judeus teimosos o sepulcro se levanta do Salvador do mundo, o santo filho de Maria; esta terra de almas caras, este país caríssimo, querido pela reputação de que se goza no mundo, agora se acha hipotecado – só de dizê-lo, morro! – como casa particular ou herdade abandonada: a Inglaterra, que o mar triunfante cinge, cujas costas de pedra inutilizam os assaltos da inveja do marinho Netuno, de ignomínia está coberta, pelos apodrecidos pergaminhos dos contratos e manchas de escrituras: esta pátria querida, esta Inglaterra que terras outras conquistava, agora fez a triste conquista de si mesma. Ah! se possível fosse que esse escândalo com minha vida desaparecesse, feliz seria a morte que me adviesse.

(Entram o rei Ricardo, a rainha, Aumerle, Bushy, Green, Bagot, Ross e Willoughby.)

YORK – O rei chegou; poupai-lhe a mocidade, que os potros ardorosos, ao se verem espicaçados, mais furiosos ficam.

RAINHA – Como é que vai passando o nosso nobre tio Lencastre?

REI RICARDO – Então, homem, que é isso? Que foi que aconteceu com o idoso Gaunt?

GAUNT – Como diz esse nome com o meu todo! Gaunt, de fato; e guante, por ser velho, só pele em cima de ossos. A tristeza dentro de mim passa um jejum forçado. Quem fica sem comer, e não acaba como pele de guante? Fiz vigílias longas pela Inglaterra adormecida; as vigílias produzem só magreza, e a magreza é só pele. Fiquei sempre jejuno do que os pais tanto se alegram: a vista de meus filhos. Desse modo, à força de jejuar, tu me deixaste reduzido a este estado: ossos e pele. Pele de guante eu sou para o sepulcro, vazio como um túmulo, cujo oco vai receber de mim tão-somente ossos.

REI RICARDO – Podem doentes fazer tais trocadilhos com o próprio nome?

GAUNT – Não; mas a miséria folga em ser escarninha de si própria. Já que o meu nome em mim matas desta arte, rio-me dele – ó rei! – para adular-te.

REI RICARDO – Adulam moribundos aos que vivem?

GAUNT – Não, os vivos adulam os que morrem.

REI RICARDO – Estou vivo e me adulas: é patente.

GAUNT – Não; tu morres, embora eu seja o doente.

REI RICARDO – Estou forte, respiro; tu definhas.

GAUNT – Deus, que me fez, me diz que de mezinhas tu precisas e que já te avizinhas, como eu, do fim da vida. Tens por leito de morte a própria pátria, onde agoniza tua reputação. E tu, por seres um doente negligente, o ungido corpo aos cuidados confiaste dos que tantas feridas te causaram: os milhares de aduladores que se abrigam dentro da coroa, cujo âmbito, contudo, se mede apenas pela tua cabeça. Mas, com ser tão pequeno o ninho deles, estende-se a devastação por toda tua terra. Ah! se teu avô pudesse ter sabido que o filho de seu filho viria a ser a ruína de seus filhos, longe de ti ele teria posto tua

grande desonra e te haveria deposto antes de seres empossado na posse que depor te ameaça agora. Sim, primo, embora fosses rei do mundo, seria vergonhoso hipotecares este país. Cingindo-se o teu mundo a ele somente, é mais do que vergonha desonrá-lo a esse ponto. És o intendente da Inglaterra, tão-só, não seu monarca. O Estado soberano à lei se curva; mas tu...

REI RICARDO – ... és um lunático sem miolo, que te vales da febre, como se ela te concedesse privilégio para com teus glaciais conselhos nos deixares pálido o rosto, o sangue real tocando, colérico, de sua residência natural. Pois pela alta majestade do meu trono, se acaso tu não fosses irmão do filho do magnífico Eduardo, essa língua que rolas na cabeça com tal desembaraço, te faria também rolar dos ombros a cabeça.

GAUNT – Filho do mano Eduardo, não me poupes por eu ser filho de seu pai Eduardo. Já fizeste correr a jorros este sangue, tal como o pelicano, e nele te embriagaste. Meu mano Gloster, alma simples e boa – possas entre as almas gozar no céu da bem-aventurança! – constitui precedente eloqüentíssimo, que a todos mostra como não te corres de derramar o sangue de Eduardo. Alia-te aos achaques que me abatem presentemente, e o teu furor transforma na foice curva que de um golpe apare esta fanada flor. Vive na infâmia, mas que a infâmia não morra juntamente contigo. Que te sirvam de carrasco minhas palavras. Conduzi-me logo para o leito; depois, para o sepulcro.

(Sai, carregado pelos criados.)

REI RICARDO – E morra quem for velho e rabugento; o túmulo já está de ti sedento.

YORK – Eu peço, instante, a Vossa Majestade que impute essas palavras à velhice e à doença caprichosa. Ele vos ama, por minha vida, tão ardentemente como Hereford, se aqui fosse presente.

REI RICARDO – Como o deles é o meu amor, também. Lesado, assim, não ficará ninguém.

(Entra Northumberland.)

NORTHUMBERLAND – Meu nobre suserano, o velho Gaunt se recomenda a Vossa Majestade.

REI RICARDO – Que disse ele?

NORTHUMBERLAND – Já disse o que restava para ser dito. Tal como instrumento sem corda, tem a língua. O pensamento já se lhe foi, palavras, vida, tudo, reduzindo Lencastre a um corpo mudo.

YORK – Possa ser York o próximo a sofrer falência igual e, em paz, adormecer.

REI RICARDO – No tempo certo a fruta cai, madura. E lei geral; a vida humana dura para uns curta; para outros, longa. Ao termo da peregrinação ele chegara; nós ainda estamos longe. Mas, sobre isso basta. Agora falemos da campanha da Irlanda. E necessário dominarmos esses quernes selvagens de cabelos em desalinho, que prosperam como veneno onde veneno algum se encontra senão eles, que têm o privilégio de viver. É de vulto o empreendimento, mas impõe-nos despesas excessivas. Em vista disso, nós nos apossamos da prataria, do dinheiro e rendas, acrescidas de todos os bens móveis pertencentes ao nosso tio Gaunt.

YORK – Até quando terei de ser paciente? Até quando o respeito reverente me fará suportar tantas violências? Nem a morte de Gloster, nem o exílio de Hereford, os insultos dirigidos a Gaunt, nem as queixas intestinas da Inglaterra, os motivos que frustraram o casamento ao pobre Bolingbroke, nem as minhas desgraças conseguiram perturbar-me a paciente compostura, ou o semblante vincar-me, quando em frente do meu senhor. Eu sou o último filho do nobre Eduardo, cujo primogênito foi teu bom pai, o príncipe de Gales. Nunca se viu tão bravo leão na guerra, nem cordeiro, na paz, mais delicado do que esse real e jovem gentil-homem. Pareces-te com ele, que essas mesmas feições ele mostrava, quando o número de teus anos havia completado. Mas se o cenho fechava, era somente para os franceses, não para os amigos. Sua mão nobre conquistava quanto viesse ele a gastar, mas não gastava quanto seu pai triunfante houvesse ganho. Suas mãos não ficaram maculadas com o sangue dos parentes, mas vermelhas, tão-só, com o dos inimigos da família. Oh Ricardo! A tristeza fez que York fosse longe demais. A não ser isso, jamais teria feito esse confronto.

REI RICARDO – Ora, tio; que é que há?

YORK – Meu soberano, perdoai-me se o quiserdes; do contrário, resignar-me-ei por não me ver perdoado. Como! E vossa intenção vos apossardes dos bens e dos direitos soberanos do banido Hereford? Não morreu Gaunt? Não vive, ainda, Hereford? Não era honesto Gaunt, assim como leal sempre foi Harry? Herdeiro não merece ter aquele? Não é um filho digno o seu herdeiro? Espoliar Hereford de seus direitos eqüivale a tomar do tempo as cartas de privilégio e o seu direito usual. Desse modo impedis que o dia de hoje tenha por sucessor o de amanhã. Por que sois rei, senão por descendência legal e sucessão? Digo, portanto, diante de Deus – não queira Ele que seja verdade quanto eu falo! – se espoliardes, sem razão, Hereford de seus direitos, e não quiserdes receber as cartas patentes com que o seu representante reclamar sua posse e vassalagem, sobre vós mesmo chamareis milhares de perigos, vireis a perder muitos corações afetuosos, obrigando minha terna paciência a pensar coisas que a honra e a obediência me proíbem.

REI RICARDO – O certo é que seus bens e sua prata passarão a ser nossos nesta data.

YORK – Não verei isso; meu senhor, adeus. As conseqüências, só as conhece Deus; mas de ruins princípios, é sabido, jamais bons resultados têm saído.

(Sai.)

REI RICARDO – Bushy, vai logo procurar o conde de Wiltshire e dize-lhe que venha ver-nos em Ely House para vermos isso. Amanhã partiremos para a Irlanda, o que não é sem tempo, e nomeamos, em nossa ausência, o nosso tio York governador do reino. É leal, e sempre nos foi muito afeiçoado. Vinde, minha rainha; é inevitável separarmo-nos. Não fiqueis triste, que é por pouco tempo.

(Clarins.)

(Saem o rei, a rainha, Bushy, Aumerle, Green e Bagot.)

NORTHUMBERLAND – Lordes, morreu o duque de Lencastre.

ROSS – Não, vive ainda, que o seu filho é duque.

WILLOUGHBY – Tem o título, apenas, não a renda.

NORTHUMBERLAND – É rico de ambos, se ainda houver justiça.

ROSS – Sinto repleto o coração e a ponto de arrebentar, se do pesado fardo eu não o aliviar, falando às claras.

NORTHUMBERLAND – Expõe sem restrições teu pensamento; e que mudo se torne para sempre quem dano te causar, ao repeti-lo.

WILLOUGHBY – Quanto queres dizer-nos se refere ao duque de Hereford? Se for o caso, não te embarace o medo; presto ouvidos a tudo quanto seja em seu proveito.

ROSS – Não se trata de bem nenhum que eu possa proporcionar-lhe, a menos que tal nome dês ao fato de eu ter dele piedade por o ver esbulhado de sua herança.

NORTHUMBERLAND – E vergonhoso que essas injustiças se pratiquem com um príncipe de sangue e com outros mais de nobre nascimento nesta terra a tal ponto decadente. O rei mudou demais; guiado se acha por vis aduladores. Tudo o que estes lhe alvitram contra nós, movidos de ódio, põe em prática o rei, severamente, contra nossa fazenda, a vida e os filhos.

ROSS – Sobrecarrega o povo com pesados impostos, o que a todos dele afasta; multou, por questões velhas, muitos nobres, o que todos, também, afasta dele.

WILLOUGHBY – Todos os dias surgem novas taxas, como letras em branco, dons gratuitos e coisas desse gênero. Dizei-me, por Deus, que nos virá de tais processos?

NORTHUMBERLAND – A ruína geral não vem de guerras, que ainda o rei não declarou nenhuma. O que fez foi, em pactos vergonhosos, entregar quanto os seus antepassados haviam conseguido em campo aberto. Muito mais caro a paz lhe tem custado do que as grandes empresas deles todos.

ROSS – O reino se acha hipotecado ao conde de Wiltshire.

WILLOUGHBY – O rei faliu, qual negociante que fosse à bancarrota.

NORTHUMBERLAND – O opróbrio e a ruína pendem sobre ele.

ROSS – Meios não teria para a guerra da Irlanda, não obstante seus pesados impostos, se não fosse roubar a herança do exilado duque.

NORTHUMBERLAND – Seu digno primo. Oh, que monarca abjeto! Mas, senhores, o certo é que escutamos roncar a tempestade ameaçadora sem que tratemos de buscar abrigo que da procela resguardar nos venha. Vemos forçar os ventos nossas velas e, sem nos decidirmos a amainá-las, perecemos incautos e confiantes.

ROSS – Temos diante dos olhos o naufrágio que é força padecermos; o perigo tornou-se inevitável, porque todos concordamos com as causas do desastre.

NORTHUMBERLAND – Não é assim. Percebo que até mesmo das órbitas da morte a vida espia, mas não ouso dizer quanto está próxima a notícia que implica salvamento.

WILLOUGHBY – Dize o que pensas, como já o fizemos.

ROSS – Northumberland, sê franco em teu discurso. Nós três não somos mais do que tu próprio; será só pensamento o que disseres. Reveste-te, portanto, de coragem.

NORTHUMBERLAND – Eis o que soube, então, de Port le Blanc, baía da Bretanha: Harry Hereford, lorde Reinaldo Cobham, que de pouco rompeu com o duque de Exeter, seu mano que já foi arcebispo de Cantuária, sir Tomás Erpingham, sir Roberto Waterton, sir John Ramston, sir John Norbery e, ainda, Francisco Quoint, armados pelo duque da Bretanha, com oito altos navios e três mil homens prontos para a guerra, vêm vindo para cá com toda a pressa, calculando saltar dentro de pouco na nossa praia norte. Já podiam estar aqui muito antes, mas aguardam tão-somente que o rei vá para a Irlanda. Se sacudir quisermos, pois, o jugo, pôr novas penas na asa fraturada do país sucumbido, da hipoteca vergonhosa livrar logo a coroa, tirar o pó que o ouro do cetro encobre e restituir a forma à majestade, sigamos logo para Ravenspurgh. Mas se medo vos causa esse caminho, guardai reserva, que eu irei sozinho.

ROSS – De que ter medo? O meu corcel ligeiro!

WILLOUGHBY – Se o meu for bom, eu chegarei primeiro.

(Saem.)

CENA II

O mesmo. Um quarto no palácio. Entram a rainha, Bushy e Bagot.

BUSHY – Senhora, Vossa Majestade se acha muito triste. Lembrai-vos da promessa, quando vos despedistes do monarca, de vos desvencilhar do abatimento prejudicial e de assumir alegre disposição.

RAINHA – É certo; mas só o disse para agradar ao rei, que, por mim mesma, não me fora possível. No entretanto, não sei qual o motivo por que deva, como a hóspede, acolher o pesadume, senão por ter-me despedido de hóspede tão suave como o meu doce Ricardo. Às vezes me parece ver chegar-se-me tristeza inexplicável, sazonada no ventre da Fortuna; por coisinhas minha alma se apavora, revelando maior sofrer do que o que lhe viria da despedida do meu rei e marido.

BUSHY – A essência da tristeza emite vinte sombras que com a tristeza se parecem, sem que o sejam, contudo, porque os olhos do desgosto, cegados pelas lágrimas, dividem cada corpo em mil objetos. Como se dá com os quadros que, mirados de frente, não revelam coisa alguma, mas permitem, de viés, ver a pintura: do mesmo modo Vossa Majestade, considerando de viés a ausência de vosso esposo, vê formas de agruras mais para lastimar do que ele próprio, as quais, vistas de frente, se revelam

como sombras, tão-só, de coisa alguma. Não choreis, pois, graciosa soberana, mais do que a ausência dele, que só vedes isso, tão-só. Mas se outras coisas virdes, por acaso, é certeza estardes vendo pelos olhos da dor que, de ordinário, chora apenas o fato imaginário.

RAINHA – É possível, embora me convença do contrário o imo peito. Esteja tudo como devera estar, deixar não posso de revelar-me triste e, de tal modo, que, se em nada eu pensar, o pensamento desse nada me tira, quase, o alento.

BUSHY – Pura imaginação, graciosa dama.

RAINHA – Não; a imaginação sempre é gerada por tristeza anterior. Mas no meu caso tal não se dá. Ou nada foi a causa da angústia que me oprime, ou alguma coisa gerou o nada que me deixou triste. Minha dor me pertence de direito. O que ela seja, ninguém sabe ainda; é dor sem nome, creio, que não finda.

(Entra Green.)

GREEN – Deus guarde Vossa Majestade! Caros lordes, bom dia. Espero que o monarca não tenha ainda partido para a Irlanda.

RAINHA – Por que o esperas? Melhor fora esperares que já houvesse partido. Seus projetos exigem toda pressa, e a pressa é origem de grandes esperanças. Por que esperas que não houvesse ainda ele embarcado?

GREEN – Porque nossa esperança, ele, suas forças deter pudesse e reduzisse ao máximo desespero a esperança de um inimigo que acaba de firmar-se em nosso solo: Bolingbroke, o banido, a si chamou-se do exílio e acaba de chegar, com forças, em Ravenspurgh.

RAINHA – Oh! Deus não o permita!

GREEN – Infelizmente é certo, majestade. Mas o pior é ter-se-lhe juntado lorde Northumberland, seu filho Henrique Percy, lordes de Ross, Beaumond e Willoughby com todos seus amigos influentes.

BUSHY – Por que razão não proclamastes lorde Northumberland traidor e toda a malta de revoltosos?

GREEN – Fi-lo; e à vista disso, o bastão de intendente o conde de Worcester quebrou, abandonando logo o cargo, depois do que se foi, com os que se achavam no palácio, juntar a Bolingbroke.

RAINHA – Desta arte, Green, serviste-me no parto de minha mágoa, sendo Bolingbroke o produto horroroso. E ora que ao monstro já deu à luz minha alma, como exausta parturiente eu me encontro, acrescentando dor sobre dor e angústia sobre angústia.

BUSHY – Não percais a esperança, Majestade.

RAINHA – Quem mo impede? Desejo o desespero; quero ser inimiga da esperança falaz: é aduladora e parasita; retarda a morte, brandamente os liames desata da existência com fingidas esperanças que a luta lhe prolongam.

(Entra York.)

GREEN – Aí vem o duque de York.

RAINHA – Traz nas velhas espáduas sinais certos de guerra; o olhar traduz negócios graves. Tio, por Deus, insinuai conforto.

YORK – Se o fizesse, enganara-me a mim próprio. O conforto é do céu; somos da terra, onde só se acham cruzes e tristezas, desespero e cuidados. Vosso esposo partiu para salvar o reino longe; mas aqui mesmo outros perder o fazem. Fiquei para servir de esteio ao reino; mas a idade e a fraqueza não permitem que a mim mesmo eu sustente. Eis chegada a hora doentia que se segue a todo excesso. Agora o rei terá de pôr à prova quantos amigos o adulavam antes.

(Entra um criado.)

CRIADO – Vosso filho, senhor, tinha partido antes de eu lá chegar.

YORK – Tinha ido embora? É assim? Que tudo, então, tome o caminho que entender. Já fugiu toda a

nobreza; frio se mostra o povo, parecendo-me que ficará do lado de Hereford. Vem cá, maroto; vai depressa a Plashy; dize à minha irmã Gloster que me envie, sem demora, mil libras. Um momento: toma este anel.

CRIADO – Milorde, eu me esquecera de vos comunicar que, de passagem, eu cheguei até lá. Mas tenho medo de vos aborrecer contando o resto.

YORK – Que foi que houve, rapaz?

CRIADO – Falecera a duquesa, havia uma hora.

YORK – Deus nos ampare! Que ondas de infortúnios se vêm quebrar, a um tempo, nesta terra desgraçada! Não sei mais o que faça. Prouvera a Deus – assim tivesse sido possível irritá-lo sem valer-me de falsidade – sim, prouvera a Deus que o rei houvesse decepado a minha cabeça juntamente com a do mano. Até agora não foram enviados correios para a Irlanda? Como obtermos recursos para a guerra? Vinde, mana – prima, quero dizer; peço desculpas. – Rapaz, vai até casa, arranja uns carros e traze as armaduras que encontrares.

(Sai o criado.)

Aliciareis soldados, meus senhores? Se eu souber a maneira de pôr ordem nestes assuntos que em desordem vieram ter-me às mãos, não me deis mais nenhum crédito. Ambos são meus parentes. Ao monarca me obriga a defender o juramento, como o próprio dever; o outro é sobrinho, que o rei prejudicou por modo injusto, cujos direitos a consciência e os laços de parentesco mandam que eu defenda. Preciso fazer algo. Vinde, prima; vou vos pôr em lugar de menos risco. Senhores, chamai logo os vossos homens; depois nos reuniremos no castelo de Berkeley. A Plashy é necessário, também, que eu vá... Não há tempo de nada. Que má sorte! Todo o mundo carece de suporte.

(Saem York e a rainha.)

BUSHY – Os ventos são propícios para enviarmos notícias para a Irlanda, mas nenhuma de lá nos mandam. Aliciar soldados em proporção igual à dos inimigos, é de todo impossível.

GREEN – Além do mais, o termos nosso posto junto do amor do rei, nos deixa próximos do ódio dos que o não amam.

BAGOT – Sim, do povo sempre mudável, cujo amor se mede pelo estado da bolsa: o esvaziá-la enche-lhe o coração de mortal ódio.

BUSHY – Então por todos está o rei julgado.

BAGOT – Se do povo depende o julgamento, condenados estamos, visto termos sempre ficado ao lado do monarca.

GREEN – Vou, já já, refugiar-me no castelo de Bristol; para lá já foi o conde de Wiltshire.

BUSHY – Irei convosco. Pouco obséquio nos poderá prestar o povo odiento, senão, como lebréus, espostejar-nos. Acompanhais-nos?

BAGOT – Não; vou para a Irlanda, para onde Sua Majestade se acha. Adeus; se o coração fala a verdade, despedimo-nos para a eternidade.

BUSHY – A menos que York expulse Bolingbroke.

GREEN – Pobre duque! A tarefa que lhe coube eqüivale a contar a areia infinda, ou a beber todo o mar. Por um soldado que o defenda, mil vão para o outro lado. Adeus, pois, para sempre.

BUSHY – Ainda é possível que nos vejamos.

BAGOT – Não; jamais. É incrível!

(Saem.)

CENA III

Nas florestas de Gloucestershire. Entram Bolingbroke e Northumberland, com forças.

BOLINGBROKE – Milorde, a que distância fica Berkeley?

NORTHUMBERLAND – Nobre lorde, asseguro-vos, sou estrangeiro aqui em Gloucestershire. Estes caminhos rudes e as colinas selvagens e altas nossas milhas deixam mais longas e a fadiga nos apressam. Vossa prosa agradável, no entretanto, fez o papel de açúcar, de tal modo que ficou doce o amargo da jornada. Por isso mesmo penso nas canseiras que hão de ter padecido Ross e Willoughby de Ravenspurgh até Cotswold, privados de vossa companhia, que, repito, atenuou muito a insipidez da viagem. Mas a deles, também, se acha atenuada pela esperança de gozarem logo da vantagem de que ora eu me enalteço. A esperança de um bem é pouco menos do que o bem alcançado. Por tudo isso, aos fatigados lordes há de a estrada parecer curta, como curta a achei, por possuir vossa nobre companhia.

BOLINGBROKE – Vale menos a minha companhia do que essas delicadas expressões. Mas quem vem lá?

(Entra Henrique Percy.)

NORTHUMBERLAND – Meu filho Henrique Percy, mandado, não sei de onde, com recado do mano de Worcester. Henrique, como passa o vosso tio?

HENRIQUE PERCY – Esperava, senhor, que me dissésseis como ia ele passando.

NORTHUMBERLAND – Como! Acaso não se acha com a rainha?

HENRIQUE – Não, milorde; abandonou a corte, após a vara de comando quebrar e ter a casa dispersado do rei.

NORTHUMBERLAND – E a razão disso? Na última vez que conversamos, ele não pensava em tal coisa.

HENRIQUE PERCY – Por ter sido proclamado traidor Vossa Grandeza. Foi para Ravenspurgh, milorde, pôr-se a serviço do duque de Hereford; a Berkeley me enviou para que eu visse com quantos homens conta o duque de York. As minhas instruções mandam que eu volte, depois, a Ravenspurgh.

NORTHUMBERLAND – Já te esqueceste do duque de Hereford? Que é isso, Henrique?

HENRIQUE PERCY – Não, meu senhor; que me esquecer não posso do que não me lembrou jamais. Suponho, até, que nunca o vi em minha vida.

NORTHUMBERLAND – Então aprende a conhecê-lo agora: eis o duque.

HENRIQUE PERCY – Gracioso lorde, ponho às vossas ordens meu serviço, jovem embora e inexperiente, mas que os dias da idade hão de deixar maduro e forte para melhor serviço e maior mérito.

BOLINGBROKE – Gentil Percy, obrigado. Podes crer-me que nada tão feliz me deixa como possuir um coração que não se esquece de seus amigos. Caso a minha sorte cresça com teu afeto, a recompensa ela será de teu amor sincero. Faz o peito o contrato; a mão o sela.

NORTHUMBERLAND – Berkeley quanto dista? Que proveito de seus soldados tira o bom velho York?

HENRIQUE PERCY – O castelo se encontra além daquele grupo de árvores, forte de trezentos soldados, me disseram. Nele se acham os lordes de York, Berkeley e Seymour. Não sei que outros fidalgos lá se encontrem.

(Entram Ross e Willoughby.)

NORTHUMBERLAND – Ai vêm vindo lordes Ross e Willoughby com as esporas sangrentas e afogueados de tanta pressa.

BOLINGBROKE – Meus saudares a ambos, milordes. Sei que vosso amor procura somente um sublevado posto fora da lei. Minha riqueza, por enquanto, são agradecimentos que não pesam, mas que serão, depois de enriquecidos, a justa recompensa dessas vossas canseiras e de vosso amor sincero.

ROSS – Vossa presença nos faz ricos, muito nobre senhor.

WILLOUGHBY – E com excesso paga todo o esforço que o obtê-la nos custasse.

BOLINGBROKE – Obrigado, de novo. Esse é o tesouro dos pobres, que franqueado há de manter-se à liberalidade que me é própria, até crescer a minha infantil sorte. Mas quem vem vindo aí?

(Entra Berkeley.)

NORTHUMBERLAND – Milorde Berkeley, segundo penso.

BERKELEY – E para vós, milorde de Hereford, a mensagem que me trouxe a este lugar.

BOLINGBROKE – Só vos darei resposta como Lencastre, nome que eu procuro presentemente na Inglaterra e que hei de ouvir de vossa boca antes que possa retrucar qualquer coisa ao que disserdes.

BERKELEY – Senhor, não compreendais mal o que eu disse; não tencionava suprimir um título, ao menos, de Vossa Honra. Vim, milorde, lorde do que quiserdes, por mandado do gracioso regente desta terra, o duque de York, a fim de me dizerdes a causa que vos leva a aproveitar-vos do tempo ausente e a alvoroçar, desta arte, nossa nativa paz com armas de guerra.

(Entra York, com séquito.)

BOLINGBROKE – Não vos empregarei como correio do que eu disser. Vem vindo aí, em pessoa, Sua Graça. Meu muito nobre tio...

(Ajoelha-se.)

YORK – Mostra-me o coração humilde e franco, não esses joelhos de obediência falsa e enganadora.

BOLINGBROKE – Meu gracioso tio...

YORK – Nada disso! Não tenho graça alguma, nem sou tio de ninguém, muito menos de um traidor. Essa palavra “Graça” se abastarda em boca desgraciosa. Por que causa esses pés interditos e banidos a tocar se atreveram na poeira do solo inglês? Mas ainda há mais “Porquês”: Por que motivo ousaram tantas milhas andar no seu pacífico regaço, as pálidas aldeias assustando com a guerra e a ostentação de armas mesquinhas? Vieste por estar longe o rei ungido? Insensato! O monarca está presente; neste leal peito o seu poder se encontra. Se eu dispusesse, ainda, da fogosa mocidade, tal como quando, ao lado de teu valente pai, o bravo Gaunt, libertamos aquele jovem Marte, que de príncipe Negro nós chamávamos, das filas de milhares de franceses, este braço que preso ora se encontra pela paralisia, sem demora te aplicara o castigo reclamado por tua falta.

BOLINGBROKE – Meu gracioso tio, revelai-me essa falta. Em que consiste?

YORK – É das mais graves: rebelião grosseira, traição abominanda. Estás banido; contudo, antes do prazo aqui te encontras em pé de guerra contra o rei legítimo.

BOLINGBROKE – Se banido eu me achava, fui banido como Hereford; mas vim, como Lencastre. Por isso, nobre tio, instantemente suplico a Vossa Graça ver com olhos imparciais meu caso: em vós eu vejo meu pai, o velho Gaunt redivivo. Permitireis, então, meu pai, que eu fique condenado a viver qual vagabundo e que as prerrogativas e os direitos do meu nome me sejam arrancados, para esbanjados serem por uns tantos perdulários mimosos do destino? Então, por que nasci? Se o rei meu primo for o rei da Inglaterra, é inevitável que duque de Lencastre eu também seja. Tendes um filho: Aumerle, meu parente muito prezado. Se morrido houvésseis primeiro e ele se visse espezinhado como eu agora, certo ele teria um pai achado no seu tio Gaunt que as injustiças lhe vingara e à malta imporia respeito. Estou proibido de reclamar aqui os privilégios que por cartas-patentes me couberam. Meu patrimônio todo foi vendido e, como os outros bens, mal empregado. Que desejais que eu faça? Sou um vassalo; apelo para a lei: negam-me juizes. Por isso ora eu reclamo pessoalmente a herança que me toca por direito.

NORTHUMBERLAND – Abusaram demais do nobre duque.

ROSS – Dependerá de Vossa Graça, apenas, justiça ora fazer-lhe.

WILLOUGHBY – Suas rendas enriqueceram muita gente baixa.

YORK – Milordes da Inglaterra, ora escutai-me: senti também as injustiças feitas contra meu primo e procurei saná-las quanto me foi possível. Mas com armas ameaçadoras vir, desta maneira, ele próprio

cortar o seu pedaço, abrir caminho, assim, fazer justiça por meio injusto... Não; não pode ser! E vós que fomentais a rebelião, encorajando-o, sois também rebeldes.

NORTHUMBERLAND – O nobre duque nos jurou que veio só para reclamar o seu direito. Por nosso lado, nós também juramos ajudá-lo na empresa. Que não tenha jamais prazer quem se tornar perjuro.

YORK – Bem, bem; já estou enxergando as verdadeiras intenções destas armas. Desfazê-las, não me é possível, força é confessá-lo, que o meu poder é fraco e me foi tudo deixado em condições mais que precárias. Mas se eu pudesse – pelo céu o juro! – vos deteria todos, obrigando-vos a implorar a clemência do monarca. Mas já que me é impossível, vos declaro que me conservo neutro. E agora, adeus, salvo se entrar quiserdes no castelo, para ai repousardes esta noite.

BOLINGBROKE – Oferta, meu bom tio, que aceitamos. Mas Vossa Graça tem de acompanhar-nos ao castelo de Bristol, que, segundo nos disseram, se encontra sob o mando de Bagot e de Bushy, com seus cúmplices, essas pragas nocivas à república que eu jurei extirpar e consumir.

YORK – E possível que eu vá: mas dai-me tempo, que violar não me agrada as leis do reino. Amigo ou inimigo, pouco importa: entrai. Em caso desses, não direi nem ai.

(Saem.)

CENA IV

Um campo no País de Gales. Entram Salisbury e um capitão.

CAPITÃO – Milorde Salisbury, já esperamos dez dias. Tenho feito muito esforço para conter os nossos conterrâneos. Estamos sem notícias do monarca; por isso vamos dispersar; adeus.

SALISBURY – Espera mais um dia, fiel galense; a confiança do rei em ti repousa.

CAPITÃO – Dizem que ele morreu; não ficaremos. Mirrados estão todos os loureiros de nossa terra; meteoros causam medo às estrelas fixas; sobre os campos projeta luz sangüínea a lua pálida; profetas magros falam em segredo de mudanças terríveis; as pessoas ricas se mostram tristes, os mendigos dão saltos de alegria; um, porque teme perder quanto ora goza, outro, esperando vir a gozar pelo furor da guerra. Sem erro, esses sinais nos pressagiam morte ou queda de rei. Adeus; os nossos compatriotas se vão, eu inclusive, certos de que Ricardo já não vive.

(Sai.)

SALISBURY – Ah, Ricardo! Com os olhos da tristeza vejo tua glória que, como uma bólide, se precipita sobre a terra baixa. Teu sol, chorando, já procura o ocaso, conseqüência fatal do teu descaso. Reforçam teus amigos o inimigo; transmuda-se o teu bem, todo, em perigo.

(Sai)

ATO III

CENA I

Bristol. Acampamento de Bolingbroke. Entram Bolingbroke, York, Northumberland, Henrique Percy, Willoughby, Ross, seguidos de oficiais com Bushy e Green, prisioneiros.

BOLINGBROKE – Trazei-me logo os homens. Bushy e Green, não desejo atormentar-vos a alma –

pois neste instante ireis perdê-la – inquirindo-vos sobre a perniciosa vida que ambos leváveis; fora falta de caridade. Mas, para lavar-me de vosso sangue as mãos, publicamente darei algumas das razões de estardes condenados à morte: a causa fostes de se transviar um príncipe, um monarca da mais alta nobreza, um gentil-homem no sangue e na aparência, que deixastes infeliz e de todo transmudado. Com vossas horas criminosas fostes, de algum modo, os fautores do divórcio entre o rei e a rainha; a legal posse do leito real rompestes; maculastes a beleza das faces de uma linda soberana, com o pranto provocado por vossas vilanias. Eu, um príncipe graças ao fado e o nascimento; eu, próximo do meu rei pelo sangue e, próximo, inda, pela afeição, até que lhe ensinásseis a me compreender mal, a cerviz tive de curvar sob o peso das injúrias que me assacastes e de meus suspiros ingleses exalar em céus estranhos, comendo o amargo e seco pão do exílio, enquanto em minhas posses vos fartáveis, limpáveis as coutadas, abatíeis minhas florestas e até o próprio escudo de família tiráveis das janelas de minha casa e o lema lhe apagáveis, sinal algum deixando, afora o sangue, meu sangue vivo, e o juízo dos estranhos que ao mundo revelassem que eu sou nobre. Tudo isso e muito mais, mais de dois tantos disto tudo é que à morte vos condena. Levai-os logo para a mão da Morte.

BUSHY – Acolho mais alegremente o golpe da morte do que a pátria a Bolingbroke. Lordes, adeus.

GREEN – Consola-me a certeza de que o céu vai abrir-nos suas portas e penas infernais dar à injustiça.

BOLINGBROKE – Lorde Northumberland, levai-os logo.

(Saem Northumberland e outros, com Bushy e Green.)

Tio, dissestes que a rainha se acha em vossa casa. Pelo céu, que nada lhe falte. Transmiti-lhe os meus saudares amistosos. Deveis pôr muito empenho em lhe fazer chegar meus cumprimentos.

YORK – Já lhe foi enviado um gentil-homem de minha casa com missivas cheias de expressões que vos pintam todo o afeto.

BOLINGBROKE – Caro tio, obrigado. Vamos, lordes, lutar contra Glendower e seus comparsas. Um pouco mais de esforço e folgaremos.

(Saem.)

CENA II

Praia no País de Gales. Ao longe, um castelo. Toque de clarins. Tambores e trombetas. Entram o rei Ricardo, o bispo de Carlisle, Aumerle e soldados.

; REI RICARDO – E o castelo de Barkloughly que vemos?

AUMERLE – Sim, milorde. Como acha Vossa Graça o ar, depois de sofrer tantos abalos no mar revolto?

REI RICARDO – Bom tenho de achá-lo. A alegria me faz derramar lágrimas por de novo pisar o solo pátrio. Com a mão eu te saúdo, cara terra, muito embora com os cascos dos cavalos os rebeldes te firam. Qual saudosa mãe que longe do filho tenha estado e, ao revê-lo, sorri, terna, brincando com as próprias lágrimas: assim, sorrindo, minha terra, e chorando eu te saúdo e com estas reais mãos te acaricio. Não alimentes, minha gentil terra. os inimigos de teu soberano, nem com tuas doçuras satisfaças seus vorazes sentidos. Os caminhos lhes enche com as aranhas que te sugam o veneno e com os sapos vagarosos, porque lhes façam mal aos pés traiçoeiros que usurpadoramente te machucam. Aos meus inimigos dá somente acúleos: se de teu seio eles colherem flores, põe como guarda delas, eu te peço, uma serpente cuja língua bífida, de contacto fatal, a morte leve a quantos a teu rei adversos forem. Senhores, não zombeis desta insensata conjuração. Primeiro a terra é que há de sentidos revelar e destas pedras hão de

sair soldados aguerridos, antes de vir seu rei a cair vitima dos golpes de uma infame rebelião.

CARLISLE – Milorde, não temais; a mesma força que vos fez rei terá poder bastante para vos conservar no vosso posto contra todas as forças. É preciso não desprezar os celestiais recursos, mas saber acatá-los; do contrário, se o céu o quisesse e nós nos opuséssemos aos seus intentos, eqüivaleria tal proceder a recusar o auxílio celeste e a toda oferta de socorro.

AUMERLE – Milorde, ele, com isso, está dizendo que somos indolentes e que a nossa tranqüilidade enseja a Bolingbroke aumentar os recursos e os amigos.

REI RICARDO – Primo desanimado, então não sabes que quando o olho do céu fica escondido por trás do globo, e o mundo lá de baixo deixa claro, passeiam sem ser vistos, por aqui, os ladrões e os bandoleiros, cometendo façanhas sanguinárias? Mas quando se alça da terrestre esfera e os cimos orgulhosos dos pinheiros orientais ilumina, dardejando sua luz pelos recantos criminosos, as traições, os pecados detestandos, todos os assassínios, porque o manto da noite os deixa agora descobertos, se patenteiam, nus e, de si próprios, dão mostras de pavor. Do mesmo modo, quando o ladrão, o biltre Bolingbroke – que se entrega, no escuro, a essas orgias, enquanto nós estávamos no lado dos antípodas – vir que nós surgimos em nosso claro trono do nascente, rubra a traição no rosto há de ficar-lhe, sem poder suportar a luz do dia, tremendo de si mesmo e do pecado. Toda a água do mar áspero e selvagem o óleo santo não tira que foi posto na fronte de um monarca. O curto sopro de homens terrenos é impotente para depor um rei que foi por Deus eleito. Para cada homem alistado à força por Bolingbroke, para o aço astucioso levantar contra a nossa áurea coroa, tem Deus para Ricardo um dos seus anjos gloriosos, a que dá celeste paga. Se não há homem que essa força enfrente, vencerá a justiça plenamente.

(Entra Salisbury.)

Sede bem-vindo. A que distância se acham nossas forças, milorde?

SALISBURY – Não mais longe, gracioso soberano, nem mais perto do que este fraco braço. A falta de ânimo me guia a língua, não deixando que ela nada anuncie senão o desespero. Um dia apenas de retardo, temo, nobre senhor, escureceu teus dias felizes sobre a terra. Chama o dia de ontem, faze que o tempo atrás retorne, e doze mil soldados serão teus. Mas este hoje, este dia de amargura te destrói os amigos e a ventura, pois os galenses, que te julgam morto, foram buscar abrigo noutro porto.

AUMERLE – Coragem! Por que causa ficais pálido?

REI RICARDO – De doze mil soldados aguerridos o sangue, há pouco, eu tinha, na cabeça; se ele me foge e fico sem sentidos, que muito, pois, que pálido eu pareça? Quem quiser se salvar, me deixe agora, que a mão do tempo o meu brasão esflora.

AUMERLE – Lembrai-vos de quem sois, meu soberano.

REI RICARDO – Havia-me esquecido de mim próprio. Não sou rei? Indolente majestade, desperta! Estás dormindo. Pois não vale o só nome de rei vinte mil nomes? Às armas, nome! Um súdito mesquinho se atreveu a atacar tua grande glória. Não prossigais olhando para o solo, favoritos de um rei! Grandes não somos? Sejam grandes os nossos pensamentos. Meu tio York, estou certo, ainda tem forças para nos ajudar. Mas quem vem vindo?

(Entra sir Stephen Scroop.)

SCROOP – Mais saúde e ventura em sorte caiba ao meu rei do que pode ser-lhe dito por minha língua que a tristeza inspira.

REI RICARDO – O coração já tenho preparado e abertos os sentidos. Não me podes anunciar senão perdas deste mundo, nada mais. Dize, pois: perdi a coroa? Era preocupação. Será, então, perda ficarmos sem cuidados? Ora entende Bolingbroke igualar-nos em grandeza? Ultrapassar-nos não será possível. Se ele a Deus serve, a Deus nós serviremos também, para ficarmos ao seu lado. Revoltaram-se, acaso, os nossos súditos? Nada posso fazer; o juramento violaram, feito a Deus, como o fizemos. Fala de dor, de males em porfia; o pior é a morte, e essa há de ter seu dia.

SCROOP – Alegra-me saber que Vossa Alteza se encontra assim armado contra os golpes da adversidade. Como tempestuoso dia, fora de tempo, que os regatos cristalinos obriga a derramar-se pelos meigos vergéis, como se o mundo todo estivesse em lágrimas desfeito: desta arte os seus limites passa a raiva de Bolingbroke, vosso amedrontado país cobrindo de aço duro e fúlgido e de peitos mais que o aço resistentes. Os barbas-brancas as cabeças calvas armaram contra Vossa Majestade; meninos de vozinha efeminada, que eles procuram deixar grave, os membros gráceis agitam dentro de armaduras tesas para atacarem-te a coroa. Até teus próprios capelães aprendem a armar o arco de teixo, duplamente fatal, contra o teu reino; as fiandeiras deixam as rocas e, com paus tostados, avançam contra ti. Moços e velhos se revoltam. É grave a situação, muito mais do que a minha descrição.

REI RICARDO – Contaste muito bem tua triste história. Mas onde se acha Green? Onde está o conde de Wiltshire? Onde está Bagot? Que foi feito de Bushy, para que eles permitissem que inimigo, desta arte perigoso, medisse nossas terras com seus passos imperturbáveis? Se ganharmos, todos me pagarão com a vida. Aposto que eles já firmaram a paz com Bolingbroke.

SCROOP – Sim, milorde; é verdade: já firmaram.

REI RICARDO – Biltres! Serpentes! Réprobos! Danados sem salvação possível! Cães, dispostos sempre a rojar aos pés de todo mundo! Víboras aquecidas no meu peito, que o coração me pungem! Oh! Três Judas, cada um mais traiçoeiro do que Judas! Fizeram paz? Que o inferno pavoroso a suas almas imundas faça guerra sem tréguas, pela ofensa praticada.

SCROOP – Vejo que o doce amor, quando se altera, em amargo e mortal ódio se muda. Retira a maldição que lhes lançaste: com a cabeça a paz eles fizeram, não com as mãos. Os que assim amaldiçoas, já os visitou a Morte que não erra, e em repouso se encontram sob a terra.

AUMERLE – Bushy está morto, e Green, e o conde Wiltshire?

SCROOP – Em Bristol a cabeça lhes cortaram.

AUMERLE – E onde está meu pai York com suas forças?

REI RICARDO – Não importa onde esteja. Não me fale ninguém mais em conforto, mas em túmulos, epitáfios e vermes. Transformemos em papel a poeira, e sobre o seio da terra as nossas mágoas escrevamos com olhos inundados. Aprestemos testamenteiros, e de testamento seja nossa conversa. Não! Cautela! Que poderíamos legar? Mais nada, senão, à terra, o corpo destronado. Nossas vidas, o reino, tudo, agora pertence a Bolingbroke. Nada resta a que chamemos nosso, afora a morte e esse punhado de infrutuosa argila que a nossos ossos serve de coberta. Pelo alto céu, no chão nos assentemos para contar histórias pesarosas sobre a morte de reis: como alguns foram depostos, outros mortos em combate, outros atormentados pelo espectro dos que eles próprios destronado haviam, outros envenenados pela esposa, outros mortos no sono: assassinados todos! E que, no centro da vazia coroa que circunda a real cabeça tem a Morte sua corte, e, entronizada aí, como os jograis, sempre escarnece da majestade e os dentes arreganha para suas pompas, dando-lhe existência fugaz, somente o tempo necessário para cena pequena, porque possa representar de rei, infundir medo, matar apenas com o olhar, inflada de ilusório conceito de si mesma, como se a carne que nos empareda na vida fosse de aço inquebrantável. E após se divertir à saciedade, com um pequeno alfinete ela se adianta, fura a muralha do castelo e, pronto: era uma vez um rei! Ponde os chapéus; não zombeis, com solenes reverências, do que é só carne e sangue. Despojai-vos do respeito, das formas, dos costumes tradicionais, dos gestos exteriores, que equivocados todos estivestes a meu respeito. Como vós, eu vivo também de pão, padeço privações, necessito de amigos, sou sensível às dores. Se, a tal ponto, eu sou escravo, como ousais vir dizer-me que eu sou rei?

CARLISLE – Milorde, os sábios nunca se detêm para chorar seus males, mas atalham, resolutos, o passo às amarguras. Recear um inimigo, já que o medo oprime toda força, é dar mais força ao inimigo, à custa da fraqueza que revelais. Assim, vossa loucura luta contra vós próprio. Mostrai medo, e morto já estareis. Pior não nos pode suceder num combate. Achar a morte combatendo é destruí-la por si mesma;

com temor, é ceder a uma avantesma.
AUMERLE – Meu pai dispõe de forças: procurai-o, para fazerdes de uma chispa um raio.
REI RICARDO – Tens razão de increpar-me, tens. Vaidoso Bolingbroke, eis-me pronto para dar-te combate e decidir nosso destino. O frio do temor era aparente; fácil coisa é ganhar o que é da gente. Fala, Scroop: onde se acha o nosso tio? Sê brando, embora o olhar tenhas sombrio.
SCROOP – Pelo aspecto do céu ó pastor sabe o estado e inclinação dizer do dia; o mesmo em meu olhar fazer vos cabe, que a língua vos falar não quereria. Sou como o algoz que a vítima atormenta pouco a pouco, deixando a pior notícia para o fim. Vosso tio York juntou-se a Bolingbroke. Todos os castelos do norte já caíram; os fidalgos do sul, em armas, se acham do seu lado.
REI RICARDO – Já falaste demais.
(A Aumerle) – Maldito sejas, primo, que deste modo me desviaste do meu doce caminho da desgraça. Que ides ora dizer-me? Que esperança ainda podemos ter? Votarei ódio – pelo céu! – para toda eternidade, a quem me vier falar ainda em conforto. Ao castelo de Flint nos recolhamos. Ali hei de finar-me; um rei, escravo da aflição, como rei, lhe acata as ordens. Dispensai meus soldados; a esperança da safra está perdida, a ruína avança. Vão todos se engajar para a colheita do novo rei; a minha está desfeita. Não me retruquem nada; fora em vão procurar demover-me da intenção.
AUMERLE – Senhor, uma palavra.
REI RICARDO – Dupla ofensa me fará quem mostrar língua propensa para a bajulação. Mandai embora todos os meus soldados, sem demora; saiam da noite de Ricardo, fria, para o de Bolingbroke excelso dia.
(Saem.)

CENA III

País de Gales. Diante do castelo de Flint. Precedidos de tambores e estandartes, entram Bolingbroke e suas tropas, York, Northumberland e outros.

BOLINGBROKE – Ficamos, pois, sabendo, pelas últimas informações, que o exército galense se dispersou e que foi encontrar-se Salisbury com o rei, chegado há pouco a estas praias, seguido de um pequeno grupo de partidários.
NORTHUMBERLAND – A notícia, milorde, é bela e boa, que Ricardo a cabeça escondeu aqui por perto.
YORK – Seria conveniente que milorde Northumberland dissesse: “o rei Ricardo”. Que tempo o nosso, em que um rei ungido necessita esconder a sacra fronte!
NORTHUMBERLAND – Vossa Graça se engana; foi apenas para encurtar que eu lhe tirei o título.
YORK – Já houve tempo em que se, assim, tão curto com ele houvésseis sido, ele teria sido curto convosco, por alçardes a cabeça a esse ponto, e vos deixara mais curto o comprimento da cabeça.
BOLINGBROKE – Não tomeis à má parte, caro tio, mais do que vos compete nestas coisas.
YORK – Não tomeis, caro primo, senão quanto vos competir, que vos seria fácil esquecer que o alto céu a todos cobre.
BOLINGBROKE – Sei-o, tio, e de forma alguma intento opor-me a seus desígnios. Mas, quem chega?
(Entra Henrique Percy.)
Harry, sejas bem-vindo. Este castelo, afinal, não se rende à nossa força?
HENRIQUE PERCY – É que ele está, milorde, guarnecido por modo real para impedir-te o ingresso.

BOLINGBROKE – Por modo real! Está algum rei lá dentro?

HENRIQUE PERCY – Sim, meu senhor, um rei: o rei Ricardo se encontra no interior desse recinto de cimento e de pedra. Estão com ele também, lordes Aumerle e Salisbury, sir Stephen Scroop, além de um sacerdote cujo nome não sei.

NORTHUMBERLAND – Ah! Com certeza é o bispo de Carlisle.

BOLINGBROKE (a Northumberland) – Nobre lorde, aproximai-vos do costado rude desse antigo castelo, por trombetas de bronze enviai aos seus ouvidos velhos convite a conferência e assim dizei-lhe: Henrique Bolingbroke de joelhos beija a mão do rei Ricardo, fidelidade pura e vassalagem envia à sua muito real pessoa. Aqui fui vindo para aos pés depor-lhe minhas armas e forças, admitindo-se que meu exílio seja revogado, restituídos meus bens e a posse destes reconhecida. Do contrário, é força que eu aproveite todas as vantagens do meu poder e aplaque a estival poeira com torrentes de sangue, despejadas das feridas dos nossos compatriotas. Quão longe se acha do sincero anseio de Bolingbroke provocar tão grande tempestade purpúrea sobre o verde regaço da aprazível propriedade do rei Ricardo, vai prová-lo a minha submissão respeitosa e reverente, ide lhe declarar tudo isso, enquanto ficamos a passear sobre o tapete deste ameno relvado. Conversemos sem o barulho ameaçador dos nossos tambores, porque sejam compreendidas, em todo o seu valor, pelas ameias instáveis do castelo as razoáveis propostas por nós feitas. Tão terrível, me parece, vai ser o nosso encontro como o dos elementos, a água e o fogo, quando seu choque tonitruante as faces nebulosas do céu abala e rasga. Seja ele o fogo; eu, a água que se entrega; ele, a cólera, enquanto eu sobre a terra lanço minhas torrentes. Sobre a terra, notai bem, não sobre ele. Avançai todos e notai bem como olha o rei Ricardo.

(Ouve-se um toque para parlamentar, respondido logo do interior. Toque de clarins. Aparecem sobre as ameias o rei Ricardo, o bispo de Carlisle, Aumerle, Scroop e Salisbury.)

HENRIQUE PERCY – Vede que o próprio rei Ricardo surge como o sol enfarado, que se tinge de vermelho, na porta flamejante do oriente, ao perceber que as invejosas nuvens a sua glória empanar querem ou macular o trilho do brilhante caminho para o ocaso.

YORK – No entretanto, seu olhar é de rei. Vede-lhe os olhos, brilhantes como os da águia, ora irradiam majestade imperiosa. Oh, que desgraça, tanta nobreza vir a ficar baça!

REI RICARDO (a Northumberland) Estamos admirados. Muito tempo ficamos esperando que dobrasses os trêmulos joelhos, por pensarmos que nos considerasses rei legítimo. Se ainda o somos, como se atreveram teus membros a esquecer o pagamento da homenagem terrível que é devida à nossa real presença? Se o não somos, mostra-me a mão de Deus que nos houvesse privado do poder. Pois bem sabemos que mão alguma existe, de osso e sangue, capaz de nos arrebatar o cetro, senão para roubá-lo ou profaná-lo. E embora imagineis que, a vosso exemplo, todos do peito os corações tirassem, para os desviar de nós, e que em penúria nos achamos de amigos: ficai certos de que Deus, meu senhor onipotentes para nos socorrer passa revista, neste instante, nas nuvens, em possantes exércitos de pestes, que hão de os filhos nascituros e ainda os não gerados atacar dos que a mão vassala ousarem levantar contra nós e se atreverem a ameaçar minha coroa excelsa. Dizei a Bolingbroke – pois parece que o vejo ali – que cada um dos seus passos em meu reino é traição horripilante. Veio ele para abrir o testamento purpúreo de uma guerra sanguinosa. Mas antes de ele ter, em paz, na fronte a almejada coroa, dez mil outras frontes sangüíneas de ardorosos filhos hão de desfigurar as róseas faces da Inglaterra, mudar a cor virgínea da paz em escarlate indignação e umedecer os campos arrelvados da pátria com o fiel sangue de seus filhos.

NORTHUMBERLAND – Não queira o rei do céu que o nosso caro senhor e rei se veja alvo das armas incivis e civis. Humildemente te beija as mãos teu primo muito nobre, Henrique Bolingbroke e jura pelo túmulo ilustre que contém os ossos de vossos reais avós, pela nobreza do sangue dele e vosso, originado da mesma fonte grata e favorável, e pela mão guerreira do defunto Gaunt, bem como por sua

própria glória, por sua honra, incluindo tudo quanto jurar possa ou dizer: que sua vinda tem por finalidade, tão-somente, reclamar seus direitos e pedir-vos, de joelhos, a imediata liberdade. Se teu real consentimento deres ao que te pede, votará as armas brilhantes à ferrugem, o ajaezado ginete à estrebaria e o leal peito ao serviço de Vossa Majestade. Jura, como fidalgo, que isso é justo; e eu, como gentil-homem, creio nele.

REI RICARDO – Northumberland, transmite-lhe a resposta do rei: seu nobre primo é aqui bem-vindo. Suas reclamações eqüitativas vão-lhe ser concedidas sem protestos. Com o poder persuasivo que te é próprio transmite-lhe aos ouvidos atenciosos saudações amigáveis.

(Northumberland vai para o lado de Bolingbroke.)

(A Aumerle) – Rebaixamo-nos, primo, não te parece, por mostrarmos tanta pobreza e usarmos de linguagem a tal ponto benigna? Aconselharas chamar Northumberland e enviar por ele meu cartel ao traidor e, assim, morrermos?

AUMERLE – Não; que valham palavras por espadas até possuirmos armas aceradas.

REI RICARDO – Oh Deus! Oh Deus! É força, pois, que a língua que a sentença ditou do amargo exílio daquele insolente homem, com palavras brandas ora a revogue! Oh! Não ser eu tão grande quanto a minha dor, ou, ao menos, menor do que o meu nome! Oh! Se eu pudesse esquecer o que fui, ou não lembrar-me do que preciso ser neste momento! Estás inflado, coração altivo? Bate quanto quiseres; dou-te plena liberdade, que os nossos inimigos têm liberdade de bater em nós.

AUMERLE – Northumberland, de volta, já vem vindo.

REI RICARDO – Que é preciso que o rei agora faça? Submeter-se? Fá-lo-á. Deixar o trono? Ficará satisfeito o rei com isso. Perder o titulo de rei? Em nome de Deus, que seja assim. Darei as jóias por um rosário; meu palácio esplêndido, por um eremitério; as vestes ricas, por andrajos de pobre; minha alfaia lavrada, por um prato de madeira; meu cetro, por bastão de peregrino; meus vassalos, em troca das imagens de dois santos, e meu imenso reino, por sepultura exígua, pequenina sepultura, um sepulcro obscuro e humilde. Ou me inumem em meio à estrada real, onde haja movimento e o povo possa calcar com os pés, a todo instante, a fronte do soberano, sim, que sobre o peito já em minha vida eles estão pisando. Por que não me calcar, pois, a cabeça, depois de eu morto? Aumerle, estás chorando, primo sentimental? Com nossas lágrimas vamos deixar o tempo transtornado. Nossos suspiros vão fazer que o trigo do verão quebre todo, ocasionando miséria nesta terra revoltada. Ou distração faremos do infortúnio, inventando brinquedos divertidos com nossas próprias lágrimas? Desta arte, por exemplo: deixarmos que elas caiam sempre no mesmo ponto, até nos terem no solo aberto um par de sepulturas, sobre as quais a inscrição seria posta: “Aqui jazem dois primos que cavaram com o pranto, no chão duro, o próprio túmulo”. Não nos faria bem nossa desgraça? Sim, sim; mas vejo que disserto à toa e que zombas de mim. Potente príncipe, lorde Northumberland, que manda, agora, o alto rei Bolingbroke? É da vontade de Sua Alteza que Ricardo viva até que venha a falecer Ricardo? Dele e de vós o meu destino aguardo.

NORTHUMBERLAND – Milorde, ele se encontra à vossa espera no pátio baixo. Não quereis descer?

REI RICARDO – Descer... Descer... Já vou, como o brilhante Faetonte, que não tenha mais domínio sobre os corcéis indóceis. É para irmos ao pátio baixo? Pátio baixo, é certo, onde os reis se rebaixam, visitando traidores e ficando às ordens deles. Baixa, rei, que o sinistro mocho pia onde exultar devera a cotovia.

(Retiram-se da ameia.)

BOLINGBROKE – Que diz Sua Majestade?

NORTHUMBERLAND – Os infortúnios fazem-no divagar como um lunático. Contudo, aí vem.

(Entra o rei Ricardo e séquito.)

BOLINGBROKE – Ficai todos de parte, e respeitosos vos mostrai à Sua Majestade.
(Ajoelhando-se.)
Gracioso soberano...
REI RICARDO – Aviltais, caro primo, esses joelhos principescos, deixando que o vil solo se orgulhe de beijá-los. Eu quisera que o coração sentisse o vosso afeto, não, como agora, pôr os olhos tristes em vossa cortesia. Levantai-vos! Tendes o coração muito elevado, sei-o bem; pelo menos a esta altura,
(leva a mão à altura da cabeça.)
embora calque o joelho a terra dura.
BOLINGBROKE – Gracioso soberano, vim somente pelo que me pertence.
REI RICARDO – O que for vosso vos pertence; eu sou vosso; é vosso tudo.
BOLINGBROKE – Sede meu, meu temido soberano, até onde possa a minha lealdade merecer vosso amor.
REI RICARDO – Pois não; soubestes merecê-lo; merecem possuí-lo quantos sabem obtê-lo pela estrada segura da violência. Tio, a mão. Enxugai esses olhos, porque o pranto não é remédio salvador, conquanto vos traduza a afeição. Sou muito moço para servir de vosso pai, meu primo, muito embora sejais bastante velho para herdardes meu reino. Tereis tudo quanto quiserdes; dar-vo-lo-ei de grado, que ceder à violência sou forçado. Primo, Londres vai ser nossa estação?
BOLINGBROKE – Sim, meu bom lorde.
REI RICARDO – Então não direi "Não".
(Toque de clarins. Saem.)

CENA IV

Londres. Jardim do duque de York. Entram a rainha e duas damas.

RAINHA – Neste jardim que jogo intentaremos para expulsar o fardo dos cuidados?
PRIMEIRA DAMA – Vamos brincar com bolas, majestade.
RAINHA – A imaginar o jogo me obrigara que o mundo é só asperezas e que a minha fortuna em vão se esforça na ladeira.
PRIMEIRA DAMA – Vamos dançar, senhora.
RAINHA – Impossível ser-me-á manter no ritmo sempre os pés, quando, cheio de tristeza, o coração não bate certo nunca. Por isso, em dança, jovem, não falemos; outro qualquer desporto.
PRIMEIRA DAMA – Então, senhora, contaremos histórias.
RAINHA – As histórias serão tristes ou alegres?
PRIMEIRA DAMA – À vontade, senhora.
RAINHA – Então, nem tristes, nem alegres, rapariga; porque se for jocosa, faltando-me a alegria por completo, mais me fará lembrada da tristeza; se for um caso triste, tendo eu tantas tristezas a pesar-me, trará nova tristeza à minha falta de alegria. Não desejo dobrar o que já tenho; nem me quero queixar do que me falta.
PRIMEIRA DAMA – Senhora, eu cantarei.
RAINHA – Se tens motivo para isso, bem está; mas preferira que chorasses.
PRIMEIRA DAMA – Senhora, eu poderia chorar, se algum proveito achásseis nisso.
RAINHA – Eu chorar poderia, se com o choro me viesse algum alívio e eu não tivesse necessidade de pedir-te lágrimas. Mas pára aí; vêm vindo os jardineiros; ponhamo-nos à sombra destas árvores. Aposto as minhas amarguras contra um papel de alfinetes em como eles vão do Estado falar, que todo o

mundo outra coisa não faz, quando há mudança; o infortúnio não pára; jamais cansa.

(A rainha e as damas se retiram.)

(Entram o jardineiro e dois criados.)

JARDINEIRO – Olha aqueles damascos pendurados; vai amarrá-los. São como crianças turbulentas que os pais a dobrar forçam sob a opressão de seu pródigo peso. Põe estacas nos ramos mais descidos. Tu aí, faze ao jeito dos carrascos: decapita as vergônteas mais viçosas, as que se sobressaem na república. Em nosso Estado há uma bitola apenas. Enquanto cuidais disso, eu tiro as ervas daninhas, que desviam, sem proveito, toda a seiva do solo, em prejuízo das flores benfazejas.

PRIMEIRO CRIADO – Por que causa devemos observar, no âmbito estreito deste recinto, a lei, a forma e todas as proporções, mostrando, como exemplo digno de ser seguido, o nosso Estado de fundamentos firmes, quando é certo que nossa terra, esse jardim cercado pelo mar, está cheio de cizânias, suas flores mais belas se estiolam, asfixiadas, as árvores frutíferas carecentes de poda, arruinadas as sebes, os canteiros em desordem e as ervas boas cheias de lagartas?

JARDINEIRO – Cala-te! O causador de tal desordem da primavera já perdeu as folhas. As ervas más, que estavam protegidas por sua fronde extensa e que, tirando-lhe a seiva, pareciam sustentá-la, arrancadas já foram com as raízes por Bolingbroke; ao duque me refiro de Wiltshire, Bushy e Green.

PRIMEIRO CRIADO – Que estás dizendo? Morreram?

JARDINEIRO – Sim, morreram. Além disso, Bolingbroke apossou-se do monarca dissipador. Que pena não ter este cultivado o país como o fazemos com o jardim. Na sazão apropriada fazemos incisão na casca, a pele das árvores frutíferas, por medo de que o excesso de seiva e sangue as deixe muito orgulhosas, vindo a se destruírem pela própria riqueza. Se ele houvesse feito assim com as pessoas ambiciosas e de influência, elas teriam tido vida bastante para dar os frutos do dever e ele enfim os gostaria. Suprimimos os ramos parasitas para que os produtivos viver possam. Tivesse ele feito isso, e não teria perdido o cetro em tal madraçaria.

PRIMEIRO CRIADO – Acreditais que seja ele deposto?

JARDINEIRO – Já está abaixando; e, quanto a ser deposto, não há dúvida alguma. Ainda esta noite chegaram cartas para um grande amigo do bravo duque de York, noticiando coisas bem negras.

RAINHA – Isso me asfixia, impedindo-me a fala.

(Avançando.)

Ó tu, retrato do velho Adão, a este jardim trazido para vesti-lo, apenas: por que causa tem essa língua rude o atrevimento de propalar notícias tão penosas? Qual foi a Eva, revela-me, qual serpente tentou a anunciar mais uma queda do homem amaldiçoado? Por que dizes que o rei Ricardo foi deposto? Atreves-te, sendo pouco melhor do que esta terra, a pressagiar sua queda? Como, quando, onde obtiveste essas notícias lúgubres? Responde, miserável.

JARDINEIRO – Majestade, perdão. Pouca alegria me causa propalar essas notícias; mas só disse a verdade. O rei Ricardo na mão forte já está de Bolingbroke. Já foi pesada a sorte deles ambos. No prato em que se encontra vosso esposo nada mais há, senão poucas vaidades de nenhum peso, que mais leve o deixam; mas no lado do grande Bolingbroke se acham todos os pares da Inglaterra, sem contarmos com ele. Essa vantagem vai decidir a seu favor a sorte. Se a Londres fordes, sabereis de tudo quanto fala entre nós o povo miúdo.

RAINHA – Ágil adversidade, de pés leves, tua embaixada a mim, só, diz respeito, e em sabê-la sou a última? Deixaste-me para o fim, para que eu muito mais tempo tua dor no imo peito conservasse. Vamos a Londres, moças, que o deposto rei de Londres se fina de desgosto. Nasci, então, para aumentar o triunfo de Bolingbroke e lhe servir de trunfo? Por tuas más noticias, jardineiro, vai-te o esforço frustrar Deus verdadeiro.

(Saem a rainha e suas damas.)

JARDINEIRO – Pobre rainha! A praga eu aceitara, se ela curasse a tua sorte amara. Neste ponto umas lágrimas, donosas, ela deixou cair. Não serão rosas que nele eu vou plantar, senão arruda, planta, da compaixão, da dor aguda, planta amarga da graça. Aqui, asinha, será sempre lembrada uma rainha.

(Saem.)

ATO IV

CENA I

Londres. Sala de Westminster. Os lordes espirituais se encontram à direita do trono; os temporais, à esquerda; os comuns, em baixo. Entram Bolingbroke, Aumerle, Surrey, Northumberland, Henrique Percy, Fitzwater, outro lorde, o bispo de Carlisle, o abade de Westminster e séquito. No fundo, oficiais com Bagot.

BOLINGBROKE – Chamai Bagot. Agora, exprime livremente, Bagot, teu pensamento e nos revela quanto sabes da morte do altanado Gloster, quem a tramou com o rei; qual foi o braço que executou o ofício sanguinário de sua morte triste e prematura.

BAGOT – Ponde-me em frente, então, de lorde Aumerle.

BOLINGBROKE – Avança, primo, e fita esta pessoa.

BAGOT – Milorde Aumerle, eu sei que vossa ousada língua não se desdiz. No mortal tempo em que a morte de Gloster foi tramada eu vos ouvi dizer: “Não tenho o braço longo bastante para que da corte da Inglaterra a cabeça de meu tio possa em Calais tocar?” Pela mesma época, entre outras falas mais te ouvi dizer que preferias recusar a oferta de cem mil libras a assistir à volta de Bolingbroke, acrescentando, ainda, que fora sumo bem para a Inglaterra vir vosso primo a perecer no exílio.

AUMERLE – Nobres lordes e príncipes, dizei-me que resposta darei a este homem baixo? Rebaixarei minhas estrelas belas para, em termos iguais, dar-lhe o castigo? Sou forçado a fazê-lo; do contrário, terei a honra empanada pela mancha de uns lábios aleivosos. Eis a luva, meu sinete manual que vai deixar-te marcado para o inferno. Mentes, digo, e provarei no sangue que te corre no coração que o que disseste é falso, muito embora ele seja vil bastante para a espada manchar-me de fidalgo.

BOLINGBROKE – Bagot, não deves levantar a luva.

AUMERLE – Desejara que fosse o mais notável – com exceção de um só – entre os presentes o que me provocou dessa maneira.

FITZWATER – Se o teu valor reclama paridade de nascimento, eis meu penhor, Aumerle, como resposta ao teu. Por este belo sol que ilumina a tua fronte agora, ouvi quando disseste, e com jactância o afirmavas, que o nobre Gloster tinha sido morto por ti. Se vinte vezes negares o que afirmo, estás mentindo vinte vezes. Com a ponta desta espada te enfiarei no coração a tua falsidade, lugar de origem dela.

AUMERLE – Não tens coragem de viver, covarde, para ver esse dia.

FITZWATER – Por minha alma, desejara que fosse agora mesmo.

AUMERLE – Fitzwater, isso te condena ao inferno.

HENRIQUE PERCY – Aumerle, estás mentindo. Sua honra neste negócio está tão pura quanto culpado tu te encontras. Como prova, te lanço o meu penhor, que minha vida defenderá até o último suspiro. Abaixa-te e ergue-o, se tiveres brio.

AUMERLE – Se o não fizer, que minha mão se estrague, sem nunca mais poder brandir a espada vingadora sobre o elmo do inimigo.

OUTRO LORDE – Perjuro Aumerle, por igual motivo defendo eu o terreno e te espicaço com tantos desmentidos quantos possam ser gritados, de sol a sol, no ouvido de um traidor. Eis o meu penhor fidalgo; se te atreveres, alça-o para um duelo.

AUMERLE – Quem mais quer provocar-me? Desafio a todos, pelo céu! Meu peito abriga mil espíritos, prontos para o embate resistir de um milhão da vossa laia.

SURREY – Lorde Fitzwater, estou bem lembrado da época em que vós e Aumerle conversastes.

FITZWATER – E certo; estáveis perto. Será fácil confirmardes, assim, que foi verdade quanto eu disse.

SURREY – Pelo alto céu, tão falso quanto o céu, em si mesmo, é verdadeiro.

FITZWATER – Mentes, Surrey!

SURREY – Menino descarado, teu desmentido pesa em minha espada de tal modo que a paga ela vai dar-te, sobre vingar-me, até que o desmentido, com quem o disse, fiquem sob a terra tão quietos como o crânio de teu pai. Eis meu penhor fidalgo, como prova do que afirmo; levanta-o, se te atreves

FITZWATER – Como, sem tino, excitas um cavalo de si tão ardoroso! Se coragem não me falece para estar com vida, nem para respirar e alimentar-me, ousarei num deserto enfrentar Surrey, no rosto lhe cuspir e dizer: mentes, mentes, de novo. Eis meu fiel contrato, para deixar-te preso à minha rude correção. Pelo meu maior desejo de subir nesta nova ordem de coisas, Aumerle é criminoso do que eu disse na minha acusação. E mais: recordo-me de ter ouvido do exilado Norfolk que tu, Aumerle, havias enviado dois homens de tua casa para o nobre duque, em Calais, privarem da existência.

AUMERLE – Entregue-me qualquer cristão honesto seu penhor. Como prova de que Norfolk mentiu, lanço o meu repto, para o caso de poder ele vir para bater-se.

BOLINGBROKE – Vão ficar em suspenso todas estas divergências até que seja Norfolk chamado do desterro. Sim, que em breve há de ser repatriado. Muito embora seja meu desafeto, restituído vai ter todos os bens e senhorios. Logo que retornar, aprestaremos tudo porque se batam ele e Aumerle.

CARLISLE – Jamais veremos esse dia honroso. Muitas vezes lutou o banido Norfolk por Jesus Cristo no glorioso campo da cristandade, desfraldando a insígnia da Cruz de Cristo contra o pagão negro, turcos e sarracenos. Fatigado dos bélicos trabalhos, retirou-se para a Itália; em Veneza, essa aprazível região, entregou o corpo à terra e a alma tão pura ao comandante Cristo, sob cujas cores tanto se batera.

BOLINGBROKE – Como assim, bispo: Norfolk está morto?

CARLISLE – Sim, milorde; tão morto quanto eu vivo.

BOLINGBROKE – Que a doce paz conduza sua alma doce para o seio do meigo velho Abraão. Senhores querelantes, vossas rixas vão ficar em suspenso até que o dia determinemos para vos baterdes.

(Entra York, com séquito)

YORK – Grande Lencastre, venho procurar-te da parte de Ricardo despojado de seus ornatos, que, de motu-próprio, te adota por herdeiro e entrega em tuas mãos reais o alto cetro. Sobe ao trono que te pertence por herança próxima. E viva Henrique, o quarto desse nome!

BOLINGBROKE – Em nome, pois, de Deus, ao trono eu subo.

CARLISLE – Deus não o permita! Ainda que eu fale mal nesta assembléia de reis, dizer toda a verdade quero. Prouvera a Deus que neste nobre círculo houvesse alguém bastante nobre para servir como juiz direito e justo para o nobre Ricardo. A verdadeira nobreza, então, lhe ensinaria a abster-se de semelhante crime. Que vassalo pode julgar seu rei? E das pessoas aqui presentes, quem não é vassalo de Ricardo? Os ladrões só são julgados após serem ouvidos, até mesmo quando estão bem patentes seus delitos. E ora o emblema da própria majestade de Deus, seu capitão, representante por ele eleito, ungido e coroado há tanto tempo e sobre o trono posto, vai ser julgado sem presente achar-se, por um sopro inferior e dependente? Deus não permita que em país cristão almas de tal quilate a fazer venham ação tão imoral, odiosa e negra. A súditos eu falo, como súdito que em prol de seu monarca Deus inspira. Milorde

de Hereford, aqui presente, a que chamais de rei, é um pusilânime traidor ao rei do nobre e alto Hereford. Se o coroardes, faço a profecia que o sangue dos nativos vai o solo fertilizar da pátria e que as idades futuras gemerão por esse crime detestando. Irá a paz dormir no meio de turcos e de infiéis, e na sua sede confundirá a guerra tumultuosa famílias e parentes. A anarquia, o horror, o medo, o saque desenfreado virão morar aqui, passando o nosso país a ser chamado o novo campo de Gólgota e depósito de crânios. Se levantardes casa contra casa, nascerá a divisão mais desastrosa que jamais viu este país maldito. Evitai esses males, retirando vosso apoio; se não, os vossos filhos e os filhos destes, mesmo com voz lassa, vos gritarão aos túmulos: Desgraça!

NORTHUMBERLAND – Argumentastes bem, senhor. Agora, pelo vosso trabalho, vos detemos por crime de traição contra a realeza. Damo-vos a incumbência, nobre lorde de Westmoreland, de o manter sob boa guarda até o dia em que houver de ser julgado. Acedeis, lordes, no que o povo pede?

BOLINGBROKE – Trazei Ricardo para que ele possa, de público, abdicar. Dessa maneira, ficaremos estremes de suspeita.

YORK – Serei seu condutor.

(Sai.)

BOLINGBROKE – Lordes, que à nossa ordem vos achais presos, dai-nos fiança para o dia do vosso julgamento.

(A Carlisle) – Pouco, bem pouco, ao vosso amor devemos; por isso, não contávamos convosco.

(Volta York com o rei Ricardo e oficiais, que trazem a coroa, etc.)

REI RICARDO – Ai de mim! Por que frente a um rei me chamam, antes que eu me despoje das idéias com que reinei? Não tive tempo, ainda, de insinuar-me, saudar, dobrar os joelhos, mostrar-me adulador. Deixai que a mágoa me ensine a submissão. No entanto, lembro-me das feições destes homens. Meus vassalos não foram todos? Não gritavam: “Salve!” amiúde para mim? Assim fez Judas com Cristo. Este, porém, de doze apóstolos só num hão encontrou fidelidade; eu em nenhum, de doze mil vassalos. Deus salve o rei! Ninguém me diz Amém? Terei de ser meu próprio sacristão? Pois não faz mal; direi Amém, embora rei deixasse de ser. Amém, de novo, se Deus pensar como não pensa o povo. A que serviço eu sou chamado agora?

YORK – Para fazer de motu-próprio o ofício que a lassa Majestade te autoriza: teu Estado e a coroa resignares a favor de teu primo Bolingbroke.

REI RICARDO – Dai-me a coroa. Primo, segurai-a. Aqui, primo. Minha mão deste lado; a vossa, no outro. Assemelha-se agora esta coroa de ouro a um poço profundo com dois baldes que em tempo diferente se enchem de água: dança no ar o vazio; o outro, no fundo, cheio de água, é invisível. O de lágrimas cheio, sou eu, que bebo as minhas dores; ascende o vosso: é todo riso e flores.

BOLINGBROKE – Pensei que resignáveis por vontade.

REI RICARDO – Sim, a coroa; não minha saudade. A glória me tirais; mas a tristeza que me é própria, terá sempre realeza.

BOLINGBROKE – Ficais sem a coroa e sem pesares.

REI RICARDO – Talvez; mas nestes dares e tomares nada podeis fazer-me. É meu cuidado não ter cuidado algum, pois quis o Fado que todos eu perdesse; mas os vossos cuidados vão crescer, ainda estão moços. Livrar-me dos cuidados não consigo; vão com a coroa e ficarão comigo.

BOLINGBROKE – Ficais contente em resignar o trono?

REI RICARDO – Sim, não; não, sim, pois tenho de ser nada; daí, não dizer não, que é tua a alçada. Vede agora a maneira por que eu próprio vou me destruir: esta coroa incômoda, retiro-a da cabeça; o cetro inútil, jogo-o longe, varrendo do imo peito todo o real orgulho de comando. Com as lágrimas eu próprio tiro o bálsamo de minha fronte; o diadema entrego com minhas próprias mãos; com minha língua renego meus sagrados privilégios; minha palavra anula os juramentos de todos os meus súditos; abdico

da pompa régia e toda majestade; entrego todos os meus bens, as rendas, todos os meus proventos; anulados considero meus atos e decretos. Deus não castigue quem me for perjuro e enseje aos teus vassalos bom futuro. Tudo me tirou ele; estou contente; tudo te deu; contigo é conivente. Possas ter vida longa, porque o trono conserves de Ricardo e, em abandono, possa este logo, sob a terra fria, vir a esperar em paz o último dia. Deus salve o rei Henrique, o felizardo, lhe diz o rei deposto, o ex-rei Ricardo, e lhe conceda muitas alegrias em longos anos de brilhantes dias. Que mais falta?

NORTHUMBERLAND (Mostrando-lhe um papel) – Mais nada, salvo lerdes estas acusações e os crimes bárbaros praticados por vós e os vossos cúmplices contra o interesse e as leis de nossa terra, porque depois de os terdes confessado, os corações humanos dizer possam que fostes destronado com justiça.

REI RICARDO – Precisarei fazê-lo? Será força que eu desfiz o tecido das loucuras praticadas por mim? Dize-me, caro Northumberland, se acaso os teus deslizes anotados ficassem, não terias pejo de os ler numa reunião como esta? Mas se o fizesses, neles encontraras uma odiosa passagem sobre a injusta deposição de um rei e a violação dos laços sacrossantos de uma jura que no livro do céu está marcada de preto e condenada para sempre. E todos vós que me fixais de longe, espicaçados pela minha própria miséria, embora alguns, como Pilatos, lavem as mãos, mostrando uma aparência de compaixão: Pilatos, entregastes-me à minha cruz de dor. Nada, nem toda a água, vos limpará deste pecado.

NORTHUMBERLAND – Lede logo, milorde, estes artigos.

REI RICARDO – Não posso ver; as lágrimas o impedem. No entanto, os olhos não me deixa cegos a água salgada, a ponto de não verem nesta reunião um grupo de traidores. Sim, quando os volto para mim, percebo que eu sou também traidor como os demais, porque meu coração foi conivente no despojar o corpo de um monarca, em deixar vil a glória, a potestade a escrava rebaixar, do altivo mando fazer vassalo e do meu reino um rústico.

NORTHUMBERLAND – Meu senhor...

REI RICARDO – Qual senhor, arrogante! Isso me ofende. Não mando em mais ninguém; não tenho nome nem título, usurpados eram todos os meus nomes, té mesmo o recebido na pia batismal. Infeliz dia! Ter eu tantos invernos já vivido, sem que possa saber como me chamo! Fosse eu um rei ridículo de neve posto em frente do sol de Bolingbroke, para me derreter em gotas de água! Rei bondoso, rei grande – no entretanto, não grandemente bom – se ainda tem curso minha palavra dentro da Inglaterra, manda vir um espelho, para que ele a minha própria imagem me apresente desde que a Majestade abriu falência.

BOLINGBROKE – Vá buscar um espelho alguém daí!

(Sai um dos criados.)

NORTHUMBERLAND – Lede o papel, enquanto o espelho chega.

REI RICARDO – Demônio! Começaste a atormentar-me antes de eu estar no inferno.

BOLINGBROKE – Deixai isso, lorde Northumberland.

NORTHUMBERLAND – Sem a leitura, não ficará o povo satisfeito.

REI RICARDO – Ficará satisfeito; hei de ler tudo, depois de ver o livro em que se encontram escritos meus pecados: minha própria pessoa.

(Volta o criado com um espelho.)

Dá-me o espelho. Vou ler nele. Como! Sem rugas, ainda, mais profundas? Tão grandes bofetadas a tristeza me aplicou, sem deixar marcas mais sérias? Ó espelho adulador! Como as pessoas que na prosperidade me seguiam, tu me estás enganando. Serão estas as feições de quem tinha diariamente dez mil pessoas sob seu teto e a todas alimentava? Será esta a face que, à maneira do sol, deixava cego quem a olhasse de frente? Era esta a face que fez face a loucuras incontáveis para, afinal, ter de baixar os olhos diante de Bolingbroke? Muito frágil é a glória que irradia desta face; tão frágil quanto a glória é a própria face.

(Joga o espelho ao chão.)

Ei-la aí, reduzida a cem pedaços. Não deixes de anotar, rei silencioso, a moral do meu gesto: como as mágoas em pouco tempo a face me destruíram.

BOLINGBROKE – Foi a sombra de vossas amarguras que a sombra, apenas, vos destruiu da face.

REI RICARDO – Repete-o: a sombra, só, das amarguras. Vejamos; é verdade, as minhas mágoas estão dentro. Estas mostras exteriores de desespero são somente a sombra da tristeza invisível que, em silêncio, se intumesce numa alma torturada. Eis a sua substância. Eu te agradeço, rei, a tua bondade incalculável, pois tu não só me deste a causa toda do desespero, como me ensinaste, também, a lastimá-la. Vou pedir-vos um favor, simplesmente; depois disso partirei, sem vos ser mais importuno. Conceder-me-eis?

BOLINGBROKE – Dizei-o, belo primo.

REI RICARDO – "Belo primo!" Maior eu sou que os reis. Quando era eu rei, os meus aduladores não passavam de súditos; agora que me tornei vassalo, um rei me adula. Sendo tão grande assim, não vejo causa por que deva pedir alguma coisa.

BOLINGBROKE – Pedi, contudo.

REI RICARDO – E alcançarei a graça?

BOLINGBROKE – Sem dúvida.

REI RICARDO – Deixai-me, então, partir.

BOL1NGBROKE – Para onde?

REI RICARDO – Qualquer parte em que me encontre longe de vossa vista; isso é que importa.

BOLINGBROKE – Conduza-o um dos presentes para a Torre.

REI RICARDO – Oh, belo! Conduzir-me? Como açores em torno a um rei são vossos condutores.

(Sai o rei Ricardo, levado por um guarda.)

BOLINGBROKE – Marcamos para a quarta-feira próxima a coroação. Milordes, preparai-vos.

(Saem todos, com exceção do bispo de Carlisle, o abade de Westminster e Aumerle.)

ABADE – Triste demais a cena a que assistimos.

BISPO – Mais tristes serão outras; como espinhos, hão de na alma as sentir nossos filhinhos.

AUMERLE – Padres, não haverá qualquer conjura que a pátria limpe e a deixe outra vez pura?

ABADE – Milorde, antes de eu me expandir com liberdade sobre assunto tão grave, é necessário que, ao vos ser ministrado o sacramento, jureis não só guardar todo segredo sobre o meu plano, como pôr em prática quanto, acaso, eu mandar. Tendes a fronte, vejo-o bem, descontente, marejados de lágrimas os olhos, de tristezas o coração. Vamos cear; ufano vos deixarei, após contar meu plano.

(Saem.)

ATO V

CENA I

Londres. Uma rua que vai ter à Torre. Entram a rainha e uma dama de companhia.

RAINHA – O rei há de passar por este ponto. Este é o caminho que conduz à Torre de Júlio César, construída para triste finalidade, em cujo seio de pedra o meu senhor foi condenado a ficar prisioneiro pelo altivo Bolingbroke. Sentemo-nos um pouco, caso haja nesta terra revoltada lugar para repouso da consorte de seu rei verdadeiro.

(Entram o rei Ricardo e guardas.)

Mas, cuidado! Olhai, ou antes, não olheis a minha bela flor que emurchece. Contemplai-o, sim, porque de piedade venhais todas a róridas ficar e um banho fresco lhe deis com vosso orvalho de sinceras lágrimas de afeição. O tu, modelo do lugar onde estava a velha Tróia, tu, mapa-mundi da honra, tu, sepulcro do rei Ricardo, não o rei Ricardo: ó templo da beleza, por que causa dás abrigo à tristeza repulsiva, quando o triunfo se aloja numa tasca?

REI RICARDO – Não te alies à dor, bela consorte, para apressar meu fim. Daqui por diante, bela alma, aprende a ver em nosso estado primitivo somente um feliz sonho. Ora, despertos, vemos a verdade do que somos de fato. Boa amiga, uma jura me fez irmão da feia necessidade: ela e eu somos aliados até à morte. Vai logo para a França e entra para uma casa religiosa. Nossa vida, mal gasta foi o proêmio do que no céu vai ser o nosso prêmio.

RAINHA – Que vejo! O meu Ricardo está mudado na alma e no corpo, assim, e enfraquecido? Privou-te Bolingbroke do intelecto? No imo peito te entrou? Ainda nas vascas da morte, o leão possante estende as garras e, em falta de outra coisa, fere a terra, na raiva de se ver, alfim, domado. E tu, agora, como um colegial aceitas o castigo, a vara beijas, humildemente o ultraje acaricias, tu, que és um leão e o rei das bestas feras?

REI RICARDO – É certo: rei das feras. Se não fosse ter sido eu rei de feras, ainda estava como um feliz rei de homens. Não demores, minha boa rainha de outros tempos, vai para a França logo; como morto me considera, e que esta despedida foi o adeus que eu te disse do meu leito de morte. No correr das longas noites do inverno senta-te à lareira, ao lado de boa gente idosa e ouve as histórias que te contarem, de épocas terríveis, há muito acontecidas. Como paga, antes de lhes dizeres o boa-noite, conta-lhes minha história lamentável e em lágrimas os faze ir para o leito. Até mesmo os tições sem sentimento hão de simpatizar com os dolorosos acentos de tua língua comovida e de piedade extinguirão o fogo, chorando – alguns em cinza, outros com vestes cor de carvão – a sorte de um monarca legítimo que o trono a perder veio.

(Entra Northumberland, com séquito.)

NORTHUMBERLAND – Milorde, Bolingbroke já mudou de parecer: ireis para Pomfret, não para a Torre. Sobre vós, senhora, ficou também de pouco resolvido que deveis ser levada para a França.

REI RICARDO – Northumberland, escada de que o altivo Bolingbroke se utilizou para alcançar meu trono: não ficará o tempo muitas horas envelhecido antes que o teu delito vire postema e em podridão se esfaça. Ainda que Bolingbroke venha a dar-te metade do seu reino, acharás pouco, porque o ajudaste a conquistar o todo. Ele, também, sabendo que conheces o meio de implantar reis ilegítimos, há de pensar que por motivos fúteis acharás meio de jogá-lo abaixo do trono ilegalmente conquistado. Muda-se em medo o amor dos maus amigos; o medo em ódio; o ódio a um deles leva, ou a ambos, à luta e à morte merecida.

NORTHUMBERLAND – Que a minha falta sobre mim recaia, e acabemos com isto. Despedi-vos logo e apartai-vos, que deveis seguir.

REI RICARDO – Divorciado duas vezes! O homens sem consciência! Violais dois casamentos ao mesmo tempo: o meu com a coroa, e o meu com minha esposa idolatrada. Desmanchemos a jura que fizemos ao nos beijarmos. Não, não é possível, que um beijo a consagrou. Vem separar-nos, Northumberland: eu sigo para o norte, onde o clima é agravado pelas doenças e pelo frio horrível; para a França seguirá minha esposa, de onde, em pompa, ela veio, outro maio só de flores, para em Finados retornar de dores.

RAINHA – É certo, então, que nos separa a dor?

REI RICARDO – As mãos e os corações, meu grande amor.

RAINHA – Mandai comigo o rei para o desterro.

NORTHUMBERLAND – Compaixão isso fora, mas grande erro.

RAINHA – Deixai, então, que eu fique, também, presa.

REI RICARDO – Juntos, assim, os dois, uma tristeza, somente, perfaríamos. Na França, por mim, vais tu chorar; eu, em lembrança do que és me finarei só de cuidados. Antes longe que perto e separados. Medirás com suspiros teu caminho; eu, com gemidos.

RAINHA – Mais pungente espinho será a saudade em todo o meu percurso, por ser maior que o teu.

REI RICARDO – Mas no discurso do meu eu gemerei mais fundamente, porque mil passos minha dor aumente. Vamos logo; abreviemos o noivado da nossa dor, que vai ser demorado demais o casamento. Um terno beijo para o silêncio vai nos dar ensejo. Festejamos, assim, novo himeneu; levas meu coração, fico com o teu.

(Beijam-se.)

RAINHA – Não! Dá-me o meu de novo; cruel sorte fora ficar com o teu e dar-lhe a morte.

(Tornam a beijar-se.)

Agora, sim; é meu; mais nada aspiro; vou tentar dar-lhe a morte com um suspiro.

REI RICARDO – Da dor esta demora nos faz presa. Seja a última palavra a da tristeza.

(Saem.)

CENA II

O mesmo. Um quarto no palácio do duque de York. Entram York e a duquesa.

DUQUESA – Milorde, íeis contar-me o que faltava dizer do encontro, em Londres, dos dois primos, quando o pranto vos fez cortar a história.

YORK – Onde parei?

DUQUESA – Naquele ponto triste em que dissestes como mãos grosseiras e incivis atiravam das janelas terra e espurcícias sobre o rei Ricardo.

YORK – Então, como eu dizia, o grande duque, Bolingbroke, montado num fogoso e altanado corcel, que parecia conhecer o ambicioso cavaleiro, devagar avançou, mas imponente, enquanto as bocas todas o aclamavam num só tom: “Deus te ampare, Bolingbroke!” Direis que as janelas tinham fala, tantos olhos, ansiosos, se alongavam de seus caixilhos, de anciões e moços, para seu rosto, e bem assim que todas as paredes, colgadas de pinturas, a um só tempo gritavam: “Sê bem-vindo, Bolingbroke! Jesus te ampare sempre!” Ao que ele, para todos se virando, cabeça descoberta e ainda mais baixa que o colo do cavalo, respondia: “Meus caros compatriotas, obrigado!” E assim passou, fazendo sempre o mesmo.

DUQUESA – Pobre Ricardo! E, nesse meio tempo, como ele se mostrava em seu cavalo?

YORK – Como os espectadores de uma peça no teatro, após sair o ator querido, indiferentes olham para o que entra depois dele, julgando insuportável sua tagarelice: desse modo, se não com mais desprezo, os assistentes zombavam de Ricardo. Ninguém disse: “Deus te salve!” Nenhuma voz amável lhe deu as boas-vindas; atiravam-lhe terra na fronte consagrada, que ele sacudia com gesto de tristeza tão cativante, a luta revelando nas feições, entre as lágrimas e o riso, sinais de seu pesar e de paciência, que se Deus, por algum desígnio oculto, não tivesse deixado empedernido o coração dos homens, fora certo ficarem comovidos e sentirem piedade de Ricardo os próprios bárbaros. Mas nisso tem a mão Deus poderoso, cujo alvitre acatar nos é forçoso. Agora Bolingbroke é o novo rei; obediência e lealdade eu já jurei.

DUQUESA -- Eis Aumerle, meu filho.

YORK – Aumerle, outrora; mas por ter sido amigo de Ricardo, mudou de nome. De ora em diante, minha senhora, só deveis chamar-lhe Rutland. Dei-me como fiador no parlamento de sua lealdade ao

novo rei.

(Entra Aumerle.)

DUQUESA – Sede bem-vindo, filho. Que violetas ora o regaço enfeitam da ridente primavera?

AUMERLE – Senhora, não me ocupou no mínimo, com isso. Só Deus sabe que eu não me importo de ser uma delas.

YORK – Sede cauto na nova primavera; se não, a vossa vida se acelera: sereis ceifado antes do tempo. E agora, de Oxford, que novidades? Ainda duram as justas e os festejos?

AUMERLE – Sim, milorde, pelo que me disseram.

YORK – Deveríeis comparecer às festas.

AUMERLE – Deus querendo, essa é a minha intenção.

YORK – Que selo é esse que do peito te pende? Empalideces? Deixa-me ver o escrito.

AUMERLE – É sem valia, milorde.

YORK – Pouco importa; agora eu hei de saber o que é; desejo ver o escrito.

AUMERLE – Peço que Vossa Graça me perdoe, mas o assunto carece de importância. Contudo, não quisera revelá-lo.

YORK – Pois eu quero saber de que se trata. Tenho medo...

DUQUESA – De que podeis ter medo? Certamente há de ser alguma letra que ele aceitou para pagar os gastos com o vestuário da festa.

YORK – Aceitou letra que ainda traz consigo? És uma tonta, mulher. Rapaz, desejo ver o escrito.

AUMERLE – Peço que me perdoeis, mas é impossível mostrar-vo-lo.

YORK – Já o disse: quero vê-lo.

(Toma-lhe, à força, o papel e o lê.)

Traição! Crime! Traidor! Escravo! Biltre!

DUQUESA – Que é que há, senhor?

YORK – Olá! Há alguém aí dentro?

(Entra um criado.)

Sela o cavalo. Deus se apiade dele. Traição inominável!

DUQUESA – Que há, senhor? Que aconteceu?

YORK – Já o disse. As minhas botas! Apronta-me o cavalo!

(Sai o criado.)

Por meu nome, minha honra, a própria vida, eu mesmo quero denunciar o vilão.

DUQUESA – Mas o que é que houve?

YORK – Silêncio, mulher tonta.

DUQUESA – Não, não hei de ficar calada. O que foi que houve, Aumerle?

AUMERLE – Boa mãe, acalmai-vos; não fiz nada que minha vida resgatar não possa.

DUQUESA – Resgatares com a vida!

YORK – Traze as botas! Vou procurar o rei.

(Entra o criado, com as botas.)

DUQUESA – Bate-lhe, Aumerle. Pobre menino; estás estupefacto.

(Ao criado) – Retira-te, vilão, da minha vista!

YORK -- Dá-me as botas, já o disse.

(Sai o criado.)

DUQUESA – Que pretendes fazer? Não dissimulas nem os deslizes de tua própria gente? Temos mais filhos? Porventura estamos em condições de os ter? O tempo, acaso, não fez secar minha fecundidade? Tencionas a velhice despojar-me do meu único filho e do bendito nome de mãe deixar-me órfã de todo? Não tem ele os teus traços? Não é teu filho?

YORK – Mulher louca, sem juízo, pretendes ocultar essa monstruosa conspiração? juraram doze deles, por ocasião do sacramento, e as próprias mãos, neste escrito, o fato confirmaram, matar o rei em Oxford.

DUQUESA – Não deixamos que ele vá; ficará aqui conosco. Que lhe importa tudo isso?

YORK – Sai, maluca, mulher sem juízo! Fosse vinte vezes ele meu filho e, certo, o denunciara.

DUQUESA – Se tivesses passado pelas dores que por ele eu passei, tu te mostraras mais compassivo. Mas somente agora compreendo o teu pensar: é que suspeitas que eu não fui leal ao nosso próprio leito. Um bastardo vês nele, não teu filho. Doce York, amado esposo, expunge ao espírito tão suspeitosa idéia! Tanto quanto possível, ele tem tuas feições. Não tem meus traços, nem de meus parentes. No entanto, eu o amo.

YORK – Sai, mulher indócil!

(Sai.)

DUQUESA – Vai atrás dele, Aumerle, em seu cavalo! Apressa-te; esporeia-o, porque possas chegar diante do rei primeiro que ele, para pedir perdão antes de seres acusado por ele. Eu não demoro; conquanto seja velha, não duvido que possa cavalgar tanto quanto York. Não me levantarei do solo, enquanto não te houver perdoado Bolingbroke. Vai logo! Não demores!

(Saem.)

CENA III

Windsor. Um quarto no castelo. Entram Bolingbroke, como rei; Henrique Percy e outros nobres.

BOLINGBROKE – Ninguém me dá notícias de meu filho perdulário? Três meses já passaram da última vez que o vi. Se há malefício que sobre nós impenda, é ele, sem dúvida. Prouvera a Deus, senhores, que o encontrásseis. Investigai em Londres, nas tavernas, por ser aí, segundo dizem, que ele diariamente se encontra, acompanhado de gente licenciosa e sem princípios, tal como essas pessoas, é o que dizem, que ficam pelas vielas, procurando bater nos guardas e roubar quem passa, enquanto ele, esse moço libertino, rapaz efeminado, considera ponto de honra amparar tamanha corja de desbriados.

HENRIQUE PERCY – Milorde, eu vi o príncipe há cerca de dois dias e lhe disse que os festejos iriam ser em Oxford.

BOLINGBROKE – E que disse esse estúrdio?

HENRIQUE PERCY – Disse que tencionava ir a um alcouce para tomar a luva a uma rameira, que ele, como penhor, carregaria, jurando derrubar da sela quantos ousassem desafiá-lo nestas justas.

BOLINGBROKE – Tão libertino quanto ousado. Réstias entrevejo, no entanto, de melhores esperanças, que podem, de futuro, patentear-nos dias mais risonhos. Mas quem vindo aí?

(Entra Aumerle.)

AUMERLE – Onde está o rei?

BOLINGBROKE – Que quer o primo que olha desse modo?

AUMERLE – Deus guarde Vossa Graça. Imploro a Vossa Majestade secreta conferência com Vossa Graça.

BOLINGBROKE – Retirai-vos todos: deixai-nos sós.

(Saem Henrique Percy e nobres.)

E agora, primo, que há?

AUMERLE (ajoelha-se) – Desejo ter os joelhos ao chão presos, grudada a língua ao paladar. se acaso não me perdoardes antes de me ouvirdes e de eu ficar de pé.

BOLINGBROKE – Foi essa falta concebida somente ou posta em prática? Se o pensamento mau não alçou vôo, para ganhar-te o afeto eu te perdôo.

AUMERLE – Então permite que esta porta eu feche, para que interromper ninguém nos venha antes de eu dizer tudo.

BOLINGBROKE – Como queiras.

(Aumerle corre o ferrolho da porta.)

YORK (fora) – Cautela, meu senhor; tomai cuidado, que está um traidor junto de Vossa Graça!

229 BOLINGBROKE (arrancando da espada) – Miserável! Vou pôr-te em condições de não me fazer mal.

AUMERLE – Sustai o braço vingador; nada tendes a recear.

YORK (dentro) – Abre a porta, acautela-te, rei louco! Será preciso, então, que, por lealdade, tenha eu de ser traidor? Abre essa porta, se não a arrombarei.

(Bolingbroke abre a porta, correndo, de novo, logo depois, o ferrolho.)

(Entra York.)

BOLINGBROKE – Tio, que é que houve? Falai; retomai fôlego; dizei-nos quão perto está o perigo, porque seja possível removê-lo pelas armas.

YORK – Verás por este escrito que perigo correste e corres, que ele está contigo.

AUMERLE – Lembra-te, quando o leres, da promessa que me fizeste. Estou arrependido. Não leias o meu nome; divorcia-se meu coração da mão que isso subscreve.

YORK – Mas estava a ela unida, biltre, até antes de teres assinado. Eu tirei isso do peito do traidor, meu soberano. Não é a dedicação, é o medo, apenas, que o induz a se mostrar arrependido. Não te lembres, portanto, de perdoar-lhe, porque tua piedade não se mude numa serpente que te morda o peito.

BOLINGBROKE – Oh, que monstruosa, enorme, temerária conspiração! Que pai sincero e digno de um filho falso! Ó fonte argêntea e límpida de onde provém esta corrente suja que por desvãos imundos se conspurca! Teu transbordante bem em mal se muda; mas há de ser o excesso de bondade que vai atenuar o mortal crime de teu transviado filho.

YORK – Desse modo será minha virtude a alcoviteira de seus vícios, pagando ele a vergonha com minha honra, como sempre o fazem os filhos perdulários com o dinheiro dos avarentos. Para ficar viva minha honra, há de morrer sua desonra; mas se esta não morrer, já não tenho honra. Se o deixares com vida, dás-me a morte. Decide, pois, ó rei, da nossa sorte.

DUQUESA (dentro) – Deixai-me entrar, meu caro soberano, por tudo o que é sagrado!

BOLINGBROKE – Quem suplica com voz tão estridente e assim tão alto?

DUQUESA (dentro) – Uma mulher, ó rei! Sou eu, tua tia! Fala-me! Tem piedade, abre essa porta! Quem te está implorando é uma mendiga que nunca mendigou.

BOLINGBROKE – A nossa peça virou comédia, permiti que o diga, e ora se chama: “O Príncipe e a Mendiga”. Meu perigoso primo, abri essa porta que é vossa mãe, eu sei; mas pouco importa, que, de cansada, ela há de vir arfando para pedir por vosso crime infando.

(Aumerle abre o ferrolho da porta.)

YORK – Se lhe perdoardes, seja a que pedido, maiores crimes te farão rendido. Para que não se perca a vida cara, corta-se o membro podre; o corpo sara.

(Entra a duquesa.)

DUQUESA – Não o ouças, rei, que o filho ele difama; quem não ama a si próprio, a ninguém ama.

YORK – A que vens, louca? Em busca de algum meio para pôr novamente o monstro ao seio?

DUQUESA – Paciência, meu bom York.

(Ajoelha-se.)

Ouvi-me, ó rei!

BOLINGBROKE – Boa tia, de pé.

DUQUESA – Não; falarei como me encontro, sem que possa o dia de calma jamais ver e de alegria, Se não me deres a certeza, agora, de que meu filho não se encontra fora de teu bom coração, meu filho amado, meu Rutland, que aqui está como culpado.

AUMERLE – Dobro os joelhos; reforço o seu pedido

(Ajoelha-se.)

YORK – Pois contra ambos, senhor, meu corpo fido se prostra neste instante.

(Ajoelha-se.)

Só desgraças te virão da brandura; não desfaças tua felicidade.

DUQUESA – É ele sincero? Vede-lhe o rosto: acaso está severo? Lágrimas não derrama; sua prece não vem do coração; alma refece não traduz: é enunciada por brinquedo. Quanto ele diz, não passa de arremedo de palavras; as nossas, do imo peito se originam; são límpidas, no jeito de quem pede com alma e coração. Ele pede, querendo ouvir um “Não”. Seus joelhos se alçariam de bom grado, sei-o bem; mas os nossos, com o cuidado que aqui nos trouxe, estreme de malícia, lançariam no chão raiz propícia. Sua prece revela hipocrisia; a nossa a dor e o zelo concilia. Mais do que a dele a nossa prece alcança; dai-nos, pois, o perdão, sem mais tardança.

BOLINGBROKE – Ficai de pé, boa tia.

DUQUESA – Não “de pé”; dize “perdão”, primeiro, e, após, “de pé”. Se a falar eu tivesse de ensinar-te, na palavra “perdão” toda a minha arte concentraria, para que a aprendesses em primeiro lugar. Oh! Dá corpo a esses meus anseios, ó rei! Dize: “perdão”; seja tua mestra, nisto, a compaixão. Termo curto, mas doce sem medida; quando um rei o profere, é a própria vida.

YORK – Fala, rei, em francês: “Pardonnez moy”.

DUQUESA – Ensinas ao perdão a lição má, porque ela se destrua? Oh! que marido sem alma, coração empedernido, que a palavra contra ela própria lança. Dize “perdão”, acorde com a usança de nossa terra. A rude algaravia dos franceses inculca barbaria. Já começam teus olhos a falar; à língua ensina, pois, o linguajar do verdadeiro amor, ou põe o ouvido no coração piedoso, porque o ruído possas ouvir que fazem nossas preces e o almejado perdão tu nos apresses.

BOLINGBROKE – Ficai de pé.

DUQUESA – Não vim pedir apenas para ficar de pé, senão que as penas me alivies.

BOLINGBROKE – Concedo-lhe o perdão, para que Deus também me estenda a mão.

DUQUESA – Oh! Quanto pode um joelho que se curva! Mas o temor a mente ainda me enturva. Torna a dizer, que repetir o mesmo vocábulo não é perdoar a esmo, mas é dar-lhe asas para excelso vôo.

BOLINGBROKE – De todo o coração eu lhe perdôo.

DUQUESA – És um deus sobre a terra.

BOLINGBROKE – Quanto ao nosso fiel cunhado, e o abade, e todo o resto dessa malta de sócios, vou soltar-lhes no encalço a destruição. Bondoso tio, mandai para Oxford suficientes forças, ou para onde os traidores se encontrarem. Farei que sem demora o bando imundo de seu peso alivie o nosso mundo. Tio, adeus; caro primo, adeus também; soube tua mãe interceder com arte.

DUQUESA – Vamos, meu filho; Deus vai transformar-te.

(Saem.)

CENA IV

Outro quarto no castelo. Entram Exton e um criado.

EXTON Não prestaste atenção no que o rei disse? “Não terei um amigo que me livre deste receio vivo?” Não foi isso?

CRIADO – Foram exatamente essas palavras.

EXTON – “Não terei um amigo?” disse; e duas vezes o repetiu com bastante ênfase. Não é verdade?

CRIADO – É certo.

EXTON – Assim falando, ele me olhava fixo, como a dizer: “Quisera que tu fosses o homem capaz de me tirar do peito semelhante temor”, alusão clara ao soberano que em Pomfret se encontra. Vou demonstrar que sou do rei amigo e que ele poderá contar comigo.

(Saem.)

CENA V

Pomfret. O calabouço do castelo. Entra o rei Ricardo.

REI RICARDO – Estive a refletir como me seja possível comparar esta angustiosa prisão ao vasto mundo. Sendo o mundo tão populoso e aqui não existindo, além de mim, nenhuma outra criatura, não sei como o consiga. Mas não paro de martelar a idéia: darei provas de que minha alma e o cérebro casaram e que uma geração de pensamentos, logo após, conceberam. E, são esses pensamentos que o meu pequeno mundo povoaram de caprichos, da maneira por que vemos no mundo, visto como jamais os pensamentos se acomodam. Os mais graduados, como os pensamentos relativos a assuntos religiosos, de dúvidas se mesclam, provocando conflito entre as palavras. Por exemplo: “Deixai que os pequeninos venham a mim”. E após: “É bem mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que eles alcançarem o reino de meu pai”. Os pensamentos ambiciosos cogitam só de absurdos: como estas fracas unhas abrir possam uma passagem através das pétreas costelas deste mundo, esta minha áspera prisão. E, porque falham, morrem vítima do próprio orgulho. Os pensamentos calmos se iludem com dizer não serem eles os primeiros escravos da Fortuna, nem os últimos, ainda, como certos imbecis que, no potro de suplícios, se consolam do opróbrio, com dizerem que outras pessoas por ali passaram e outras mais passarão. Com essa idéia eles experimentam certo alívio, jogando a desventura para as costas dos que passaram por iguais tormentos. Desta arte, eu represento ao mesmo tempo muitas pessoas, todas descontentes. Sou rei, por vezes. A traição, nessa hora, me leva a desejar ser um mendigo, e mendigo me torno. Então o peso da miséria de novo me persuade que eu estava melhor sendo monarca. Torno a ser rei; mas nesse mesmo instante ponho-me a imaginar que Bolingbroke me destronou e que eu não sou mais nada. Seja o que for, porém, nem eu nem homem algum, que seja um homem, simplesmente, com coisa alguma poderá mostrar-se contente, enquanto não ficar tranqüilo, virando nada. Mas que ouço? Música?

(Ouve-se música.)

Conservai o compasso! Como a doce música é insuportável para o ouvido, quando falha o compasso e não se observa nenhuma proporção. A mesma coisa se passa na harmonia da existência dos mortais. Aqui eu tenho ouvido fino para apanhar pequena dissonância de uma corda mal posta. No entretanto, não percebi a falta de compasso que deveria haver na consonância do meu tempo e do Estado. Malgastei todo meu tempo; o tempo ora me gasta, porque me vejo transformado agora no relógio do tempo. Os pensamentos são minutos, que com suspiros batem no quadrante dos olhos, onde se acha sempre meu dedo, à guisa de ponteiro para marcar as horas e limpá-las de lágrimas. Agora, meu querido Ricardo, o som que nos indica as horas são suspiros profundos que me batem no coração: o sino. Assim, suspiros, lágrimas e gemidos, os minutos, o tempo e as horas marcam. Mas meu tempo corre atrás da alegria presunçosa de Bolingbroke, enquanto eu, como um néscio, me transformo no João de seu relógio. Mas

estou quase louco com esta música! Parem com isso! Embora tenha a música restituído a razão a muitos loucos, no meu caso, parece, deixa os sábios loucos de todo. Não; bendito seja o coração que teve tal idéia. Revela amor; e amor para Ricardo é como jóia usada neste mundo tão cheio de ódios.

(Entra um palafreneiro.)

PALAFRENEIRO – Salve, real príncipe!

REI RICARDO – Nobre par, obrigado. O mais barato de nós dois ainda é caro dez vinténs. Mas quem és tu, rapaz? Por que motivo vieste até onde ninguém chega, afora esse sombrio cão que não se esquece de me trazer comida porque possa viver minha desgraça?

PALAFRENEIRO – Eu sou um pobre palafreneiro, ó rei, de teu serviço no tempo em que eras rei, que, de passagem para York, após muito trabalho, obtive permissão para o rosto contemplar do meu nobre senhor de antigamente. Como meu coração ficou apertado, quando em Londres, no dia dos festejos da coroação eu vi montar o altivo Bolingbroke no teu ruão Berbere, justamente o cavalo em que folgavas cavalgar, o cavalo, justamente, de que eu tratava com tamanho zelo!

REI RICARDO – Cavalgava o Berbere? Amigo, dize: como o animal, com ele ao dorso, estava?

PALAFRENEIRO – De tanto orgulho, desdenhava a terra.

REI RICARDO – Por carregar o altivo Bolingbroke, mostrava-se orgulhoso? Esse sendeiro já comeu pão em minhas mãos reais; esta mão já o deixou vaidoso, apenas com lhe dar palmadinhas. No caminho não tropeçou? Não sofreu queda alguma – já que é forçoso vir abaixo o orgulho – e o pescoço partiu do homem vaidoso que lhe usurpava o dorso? Mas perdoa-me, cavalo. Por que causa repreender-te, se foste criado para ser domado pelos homens e ao dorso carregá-los? Eu não nasci cavalo; no entretanto, como um asno carrego um fardo ingente e me vejo esporeado, até à canseira máxima, pelo altivo Bolingbroke.

(Entra o carcereiro, com um prato.)

CARCEREIRO – Basta, rapaz; vai logo dando o fora.

REI RICARDO – Se amor me tens, não fiques; vai-te embora.

PALAFRENEIRO – Nada pode dizer a alma que chora.

(Sai.)

CARCEREIRO – Não quereis dar início à refeição?

REI RICARDO – Antes, porém, deves prová-la, não?

CARCEREIRO – Não me atrevo, milorde, pois sir Pierce de Exton, que veio do palácio há pouco, trouxe ordens radicais nesse sentido.

REI RICARDO – O diabo leve a Henrique de Lencastre, juntamente contigo! Já está gasta minha paciência; estou cansado disto.

(Bate no carcereiro.)

CARCEREIRO – Socorro! Socorro!

(Entram Exton e criados, armados.)

REI RICARDO – Que quer a Morte neste rude assalto? Tua própria mão me vai dar o instrumento, bandido, de tua morte.

(Arranca a espada de um dos criados e o mata.)

E tu, vai logo, desce a ocupar outro lugar no inferno.

(Mata outro criado; então, Exton o prostra.)

Há de ficar nas chamas sempiternas essa mão que abalou minha pessoa. Exton, com sangue real tua mão ousada manchou a própria terra ao rei sagrada. Desça meu corpo, já de tudo falto; sobe, minha alma, teu lugar é no alto!

(Morre.)

EXTON – Cheio de ardor como de sangue real! Derramei ambos; não redunde em mal. O diabo, que a princípio me dizia que era bem feito, agora me cicia que este meu ato se acha para eterno registado na

crônica do inferno. Vou levar ao rei vivo o rei defunto; enterrai estes corpos aqui junto.

(Saem.)

CENA VI

Windsor. Um quarto no castelo. Toque de clarins. Entram Bolingbroke e York, com nobres e séquitos.

BOLINGBROKE – Bondoso tio, as últimas notícias recebidas nos dizem que os rebeldes puseram fogo em Cicester, cidade de Gloucestershire. Contudo ignoro se conseguiram escapar ou não.

(Entra Northumberland.)

Sede bem-vindo. Que noticias há?

NORTHUMBERLAND – Primeiro, votos de felicidade ao teu sagrado Estado. A outra notícia é a seguinte: mandei já para Londres as cabeças de Spencer, Salisbury, Blunt e Kent. A maneira por que foram todos eles vencidos, neste maço de papéis podeis vê-la mais de espaço.

BOLINGBROKE – Gentil Percy, obrigado; a recompensa do teu trabalho não terá detença.

(Entra Fitzwater.)

FITZWATER – Mandei, milorde, de Oxford para Londres as cabeças de Brocas e sir Bennett Seely, dois dos traidores conjurados que em Oxford intentaram derrubar-te.

BOLINGBROKE – Não ficará teu mérito esquecido, que eu bem sei quão fiel tu me tens sido.

(Entra Henrique Percy com o bispo de Carlisle.)

HENRIQUE PERCY – O abade de Westminster, milorde, o grande conspirador, com o peso dos remorsos e da melancolia acabrunhante cedeu o térreo corpo à sepultura. Mas Carlisle aqui está, porque a sentença lhe comines de sua audácia imensa.

BOLINGBROKE – Carlisle, vais ouvir o teu castigo: escolhe logo algum secreto abrigo, de fama religiosa mais fervente do que foi sempre a tua, e aí, contente, passa teus dias. Nesse calmo asilo se bem viveres, morrerás tranqüilo. Conquanto sempre fosses meu contrário, sei bem que não possuis peito nefário.

(Entra Exton, com criados que trazem um ataúde.)

EXTON – Grande rei, neste esquife eu te apresento teu medo sepultado. Sem perigo mais para ti, aí jaz teu inimigo, Ricardo de Bordéus, por mim trazido.

BOLINGBROKE – Exton, não te agradeço; o cometido feito de que te orgulhas me enxovalha, cobrindo a nossa pátria de mortalha.

EXTON – Tu mesmo, ó rei, me insinuaste o feito.

BOLINGBROKE – Quem recorre ao veneno, só proveito dele entende tirar; ódio lhe vota. Não te amo; muito embora eu a derrota de Ricardo almejasse, ora abomino, quanto lhe tenho amor, seu assassino. Em tua própria consciência, que te esmaga, procura agora a merecida paga, não em palavras de agradecimento, nem em favores reais e valimento. Como Caim, passa a vagar de noite, sem jamais encontrares quem te acoite. Senhores, asseguro-vos que da alma confrangida fugiu-me toda a calma, por ver que necessário se tornasse, para minha subida, este traspasse. Vinde chorar comigo o que eu lamento e ponde luto desde este momento. À Terra Santa pretendo ir, contrito, para limpar-me deste atroz delito. Solidários ficai na minha agrura, lastimando esta morte prematura.

(Saem.)